
ΩMEGA



**Ômega: perigo oculto que ameaça
a igreja no período final de sua existência.
Ellen G. White logo percebeu e disse:
“Tremi pelo nosso povo”. Por isso nos deixou um
legado de esperança que nos sustentará quando
nos encontrarmos nesse momento.**

Lewis R. Walton

Lewis R. Walton



**Tradução:
Margarida F. Sarli
Rosangela Rocha**

**Instituto Adventista de Ensino
Caixa Postal 7.258
São Paulo (1) 01000**

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS

“ΩMEGA”

Impresso na:

Gráfica do Instituto Adventista de Ensino

Estrada de Itapecerica, Km. 23

Sto. Amaro – São Paulo

DEDICAÇÃO:

A Lee R. e Mabel B. Walton, professores que fizeram esta história viva.

“Erguer-se em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, lutar pela batalha do Senhor quando os campeões são poucos – este será nosso teste”.

– *Ellen G. White, Testimonies, vol. 5, p. 136.*

Conteúdo

Introdução	7
Prólogo	9
Cap. 1 – “Eu o Ajudaria se Pudesse”	13
Cap. 2 – “Recebemos as Tristes Novas”	19
Cap. 3 – “Uma Espada Como de Fogo”	27
Cap. 4 – “Você é o Homem...”	37
Cap. 5 – Ômega	45
Cap. 6 – “O Teste Sobrevirá a Toda Alma”	59
Cap. 7 – Nove Pontos Salientes	67
Cap. 8 – “Como um Ciclone Devastador”	75



Prefácio

Por vezes, um livro é escrito em estilo tão claro e fluente que o leitor é levado facilmente, como na crista de uma onda, do primeiro ao último capítulo. E quando o livro trata de um assunto de interesse atual, sua leitura proporciona o máximo de prazer e benefício.

O livro que você tem em mãos é do tipo que acabamos de descrever. Antes de sua publicação revisei o manuscrito várias vezes, e, cada vez ficava impressionado com o estilo desembaraçado do autor e sua habilidade para prender o interesse do leitor.

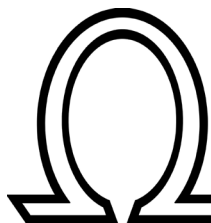
Mais que isso, fiquei impressionado com sua habilidade em coordenar a história adventista com eventos contemporâneos nacionais e internacionais. Em traços rápidos de seu pincel verbal, pinta ele um quadro que inclui acontecimentos nos Estados Unidos, China, Rússia e Alemanha como fundo para as conflagrações ocorridas em Battle Creek que destruíram tanto o sanatório quanto a Review and Herald Publishing Association. Coloca ele o adventismo, dessa forma, no contexto da vida real, evitando dar a impressão de que o adventismo existe no vácuo.

O autor, porém, fez mais do que demonstrar habilidade literária; ele se engalfinhou com um assunto que deve ser cuidadosamente considerado por todo adventista do sétimo dia. Ellen White rotulou a crise doutrinária que abalou a igreja no início do século vinte como o “Alfa” da apostasia, e predisse que no devido tempo se seguiria o “Ômega”. Talvez ninguém saiba exatamente o que ela queria dizer ao usar o termo “Ômega”, mas os adventistas seriam irresponsáveis se não procurassem alguma interpretação daquilo que ela tinha em mente. Para ficar alerta, a fim de não repetir os erros da história, é preciso aprender as lições que a história ensina.

O autor deste livro sugere várias lições que podem ser aprendidas a partir da experiência do “alfa”, mas não é dogmático quanto a suas conclusões. Traça ele paralelos entre o “alfa” e os eventos atuais dentro da igreja, mas o faz primariamente para estimular o pensamento, não para terminar a discussão. Creio que o livro fornece uma perspectiva útil sobre os eventos atuais ao nos fazer lembrar da “maneira em que o Senhor nos tem guiado, e

os ensinamentos que nos ministrou no passado”. Alerta-nos também sobre perigos do presente e do futuro. Todos os que o lerem atenciosamente e com oração estarão mais bem preparados para permanecer leais a Cristo e Sua verdade durante a crise vindoura.

Kenneth H. Wood, Editor da *Adventist Review*



Prólogo – Ômega Ω, Lewis R. Walton

Marck Hanna era um homem vigoroso, calvo mas simpático, com uma estreita franja de cabelo a emoldurar-lhe a face, e que, quando falava, estava acostumado a ver resultados. Há pouco tempo, por exemplo, ele sozinho quase havia colocado William McKinley na Presidência Americana. Começara agora um novo século. O ano de 1900 rompeu tão brilhante como um novo dólar, e pelo que o Senador Hanna podia visualizar, o futuro rumava diretamente para as estrelas. “As fornalhas estão incandescentes”, exclamava. “Os fusos estão entoando sua canção. A felicidade chega a todos nós com a prosperidade!”

O recém-apontado Senador de Ohio não estava só naquela opinião. Em 19 de janeiro de 1900, o futuro parecia tão cheio de promessas como a manhã da primavera. Por uma vez o mundo estava amplamente em paz. A China, com suas centenas de milhares, ainda estava aberta para viagens, e para o evangelho. Dentro da imensa massa de terra que seus filhos e filhas chamavam Grande Rússia, havia ainda um pouco de tempo. Admitimos que a ampulheta estava perdendo areia rapidamente; grandes problemas deveriam logo conclamar a grandes mudanças. Porém restavam ainda, quase duas décadas antes que o estampido do fogo de artilharia fora do palácio de inverno do Czar mudasse para sempre o curso da história – e as oportunidades para a obra de Deus. Mudanças enormes pairavam precisamente além do amanhã, como a distante cor cinza do curso de um vendaval que anuncia a primeira aproximação de uma inevitável tempestade; no dia de Ano Novo de 1900, porém, poucas pessoas podiam ver qualquer coisa a não ser a luz do sol.

“Se alguém não pode fazer dinheiro este ano passado, seu caso é sem esperança”, exultava o editor de um jornal, e um clérigo de Nova York dizia inflamado que “as leis estão se tornando mais justas, os dirigentes mais humanos; a música esta se tornando mais doce e os livros mais sábios”.

Uma das poucas vozes discordes veio de uma senhora miúda de 72 anos de idade que por acaso estava em New South Wales, Austrália, neste 19 de janeiro. Por vários anos Ellen White estivera falando cada vez mais enfaticamente a respeito de uma grande catástrofe que logo sobreviria ao mundo, e embora suas observações parecessem geralmente fora do padrão de seu tempo, persistia nas mesmas com uma perseverança que atraía a atenção. “Logo haverá morte e destruição, aumento de crime, e impiedade

cruel operando contra os ricos que se tem exaltado sobre os pobres. Os que estão sem a proteção de Deus não encontrarão segurança em nenhum lugar ou posição. Agentes humanos estão sendo treinados e estão usando suas capacidades inventivas para colocar em operação a mais poderosa maquinaria para ferir e matar. ... Que os recursos e os obreiros sejam espalhados.” – *Ellen G. White, Test. for the Church, 1948, vol. 8, p. 50*. Estranhas palavras, distintamente destoantes do contexto da época, e muito menos fáceis de se ouvir do que os tranquilizantes pensamentos do Reverendo Newell Hillis, que falou a sua congregação em Brooklyn sobre os livros mais sábios e a música mais doce. Mas no primeiro dia do novo século o povo teria feito bem em dar cuidadosa atenção às advertências de Ellen White, pois ela havia acertado demasiadas vezes no passado para permitir que alguém a ignorasse e continuasse se sentindo confortável.

Ninguém teria possibilidade de saber disto naquela manhã do novo ano, mas as predições da Sra. White estavam no limiar do cumprimento. Naquele mesmo mês Lenin seria liberto da detenção Siberiana e correria através da Rússia em direção à segurança da Europa Ocidental. A Inglaterra, a França e a Rússia, preocupadas com o surgimento da aliança germânica estavam apoiando algo chamado de a Tríplice Entente. E em Zurich, um jovem estudante colegial chamado Albert Einstein estava já escrevendo fórmulas estranhas e cogitando sobre a possibilidade de tornar a matéria em energia.

Dia de Ano Novo, 1900 – em Shangai, navios a vapor britânicos voltavam-se preguiçosamente em suas bóias sobre o rio Huang-p’u, aquecendo-se sob o sol devaneador do inverno. Em São Petersburgo a nobreza da Rússia deslizava em trenós brilhantes ao longo das margens do Rio Neva e então corriam para casa a fim de se vestirem para a noite. Isto era o apogeu do que a sociedade russa chamava de temporada, uma rodada de noites resplandcentes, tom brancos, vestidos de cetim e uniformes flamejantes de condecorações – de festas onde “ninguém pensava em partir antes das 3 horas da manhã” e os oficiais permaneciam até que o céu estivesse colorido com as tintas pérola, rosa e prata da alvorada.

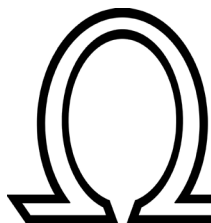
Ano Novo... e em Berlim, o Conde Alfredo von Schlieffen já sabe que quando a guerra chegar, ela penetrará através das suaves e planas campinas da Bélgica. Ele sabe, porque os mapas já estão traçados.

E nos escritos da Igreja Adventista as palavras se desdobram numa final, desesperada proposta por reconhecimento, antes que seja tarde demais: “Agentes humanos estão sendo treinados e estão usando suas capacidades inventivas para pôr em operação a mais poderosa maquinaria para ferir e matar... Que recursos e obreiros sejam espalhados”.

Para o mundo parece ser manhã, mas na ampulheta da historia o pôr do sol está perto, e a luz do sol que aquece o primeiro dia de 1900 e o último

áureo momento da oportunidade para se trabalhar em paz, que rapidamente se desvanece com a chegada da noite.

O trabalho de Deus pode ainda ser feito sob a luz do sol, mas o tempo é curto. Agora somente uma pergunta realmente importa: Corresponderá o povo de Deus?



Cap. 1 – “Eu o Ajudaria Se Pudesse”

Em 1º de janeiro de 1900, Ellen White acordou cedo e – se seu costume usual prevaleceu – tomou seu banho, vestiu-se, e dirigiu-se prontamente para sua cadeira de escrever. Era um hábito de muitos anos. Os primeiros momentos da manhã eram de muitas maneiras melhores, livres das distrações das horas ocupadas do dia, e se o fato de ela se levantar cedo era muitas vezes provocado por noites penosas, ela havia aprendido como tirar o melhor da situação. À hora do desjejum ela usualmente já havia escrito por várias horas.

Neste dia sua mente estava oprimida com um problema particular, que nos poucos anos passados tinha se tornado uma importante preocupação: Para onde estava o Dr. John Kellogg dirigindo a obra médica Adventista? Ele era um velho amigo, cujas horas de juventude tinham muitas vezes sido gastas com a família White, e ela gostava de escrever a ele “como uma mãe escreveria para seu filho”. – *Testimonies*, vol. 8, p. 190. Recentemente, porém, coisas perturbadoras haviam ocorrido em Battle Creek, e elas pareciam pressagiar problemas. Uma das coisas era que, contra sua repetida insistência, a cidade havia se tornado uma grande colônia adventista cada vez mais difícil de se controlar. Por anos tinha ela advertido contra os perigos de concentrar recursos e talentos em apenas um local, porém em 1900 as instituições Adventistas dominavam a cidade. Próximo as margens do rio Kalamazoo ficavam os prédios da Review and Herald, onde a direção estava profundamente envolvida na prática de aceitar encomendas para impressão de quase qualquer freguês que estivesse disposto a pagar. A um quarteirão de distância ficava o Tabernáculo Dime, que tinha a capacidade de acomodar uma multidão de 3.400 pessoas. Aqui, 173 classes da Escola Sabatina se encontravam cada Sábado de manhã, facções lutavam pela posse do controle, e por um breve tempo fundos do dízimo foram verdadeiramente desviados para as despesas de manutenção da igreja. À distância de um quilômetro e meio podiam-se encontrar os escritórios da Conferência Geral, o Colégio de Battle Creek, a florescente fábrica de alimentos saudáveis, um orfanato, e mil crentes adventistas acumulados em uma área tão cheia de negociadores de bens imóveis que espectadores divertidos (e às vezes aborrecidos) a chamavam de “o campo de mineração Adventista”. – *Milton Hook, Flames Over Battle Creek*, 1977, p. 98.

Tolhendo tudo estava o desajeitado complexo vitoriano chamado Sana-

tório de Battle Creek, que se estendia por aproximadamente 320 m ao longo da Rua Washington e onde mil funcionários estavam, como Ellen White advertia, começando a ver seu chamado como pouco mais do que uma maneira de obter o sustento. Para uma igreja baseada em ministério pessoal, este era um perigo que dificilmente poderia ser exagerado. Significava que num sentido operacional, um dos principais componentes da igreja estava morrendo.

Por vários anos os presságios saídos do Sanatório de Battle Creek tinham sido perturbadores, salpicados de insinuações de que a maciça instituição poderia realmente ser perdida do controle denominacional. Kellogg já havia mostrado suas cores. Já em 1895, ele havia estabelecido o Colégio Médico Missionário Americano e tinha começado a divorciá-lo da igreja. “Esta não é uma escola sectarista”, declarara ele, e “doutrinas sectárias” não seriam lá ensinadas. – *Medical Missionary, outubro de 1895.*

Agora o sanatório era a mais poderosa força na igreja, o que significava que se a Igreja Adventista desejasse assegurar o futuro desta ampla instituição, teria de negociar maia cedo ou mais tarde com John Harvey Kellogg.

Kellogg era um homem baixo e enérgico que, num período posterior de sua vida, corria ao redor de Battle Creek de terno branco e polainas curtas e que, diz-se, enquanto dirigia sua bicicleta para o trabalho, frequentemente ditava a correspondência para um ofegante secretário que corria ao lado. Era um personagem complexo e fascinante, com dom natural para medicina e intimidante comando de palavras, um homem que podia chorar enquanto lia a carta de Ellen White para um grupo de adoradores e que podia mais tarde condená-la como uma plagiadora – que seria capaz de fazer qualquer coisa, exceto resistir a tentação de fazer o Sanatório de Battle Creek e toda a mensagem de saúde descerem por um caminho misterioso projetado em sua própria mente. Por anos a Sra. White havia se correspondido com o médico, implorando-lhe que desse um basta aos ambiciosos projetos em Battle Creek e enviasse os fundos excedentes para o campo mundial, particularmente as trabalhosas novas aventuras na Australásia, onde a falta de dinheiro deixou o trabalho desesperadamente enfraquecido. Em resposta ela recebeu declarações estranhas de que era contra os regulamentos do sanatório enviar dinheiro para fora de Michigan. Era um argumento habilidoso, superficialmente persuasivo se não fosse compreendido o potencial para manipulação legal em tudo isso. Mas era totalmente evidente para Ellen White, que podia ver com olhos proféticos a cena de escritórios de advocacia onde olhos astutos exploravam documentos, e um homenzinho enérgico de terno branco estava calmamente sentado enquanto seus advogados faziam o trabalho, com a cabeça levemente inclinada para trás e os dedos tamborilando gentilmente sobre os braços da cadeira. “Foram-me apresentados assuntos que encheram minha alma de penetrante angústia” escreveu ela em 1898. “Vi homens se unindo de braços dados com advogados; mas Deus não estava em sua com-

panhia. ... Sou autorizada a dizer a tais pessoas que não estais agindo sob a inspiração do Espírito de Deus”. – *Ellen G. White, Special Testimonies, série A, nº 11, p. 21.*

A precisão do tempo de sua declaração é fascinante. Kellogg havia acabado de alterar habilmente a estrutura jurídica do sanatório de forma a permitir que este um dia, por votação, deixasse de pertencer à igreja. Em 1897 se espiraram seus trinta e três anos de licença; pela lei de Michigan, a corporação tinha de ser dissolvida, suas posses vendidas, e uma nova associação formada. Se se desejasse introduzir modificações, esta tinha sido indiscutivelmente a oportunidade áurea, e Kellogg não a havia perdido.

Em primeiro de julho de 1898, o Advogado S. S. Hurlburt e uma pequena multidão de pessoas interessadas se reuniram no palácio da justiça em Marshall, Michigan, onde as posses do sanatório foram vendidas para o grupo encabeçado por Kellogg. Eles por sua vez formaram uma nova corporação, adotaram um regimento interno, e emitiram apólices. Isto tinha de ser feito para o sanatório poder continuar, e a Conferência Geral havia confirmado os passos legais. Superficialmente parecia que nada havia sido feito além de formalidades, mas os que tiveram o cuidado de ler os novos regimentos internos viram o potencial para nefastas mudanças. A posse de ações, uma vez limitada aos Adventistas, era agora aberta para qualquer um que estivesse disposto a assinar um documento garantindo que o sanatório era “indenominacional, não sectário humanitário e filantrópico”. Para aqueles que protestavam contra essa linguagem tão radical, Kellogg tinha já uma pronta resposta: Era uma mera formalidade, dizia ele, de forma que a corporação pudesse desfrutar da “vantagem dos estatutos do estado”. (*Medical Missionary Conference Bulletin, Maio de 1899*). (Em 1906 as mandíbulas da armadilha já eram demasiado evidentes. Próximo a sua ruptura com a igreja, o médico declararia que o alvará de funcionamento proibia quaisquer atividades de caráter sectarista ou denominacional e contaria abruptamente à igreja o que havia acontecido com o grande sonho dela às margens do Rio Kalamazoo: “A denominação não possui a propriedade, e jamais poderá possuí-la, pois ela pertence ao público”). – *Medical Missionary, fevereiro de 1906, (grifos acrescentados)*.

E agora, mais recentemente, o Dr. Kellogg estava propondo uma nova idéia, de alcance mais logo do que qualquer coisa que já houvesse planejado. Para dizer de maneira simples, era a proposição de que todo sanatório afiliado à igreja na América, onde quer que estivesse localizado, fosse completamente vinculado ao controle de Battle Creek. “A fim de ligar nossos diferentes sanatórios, a junta Médica Missionária formou este plano”, logo anunciaria ele, “que em vez de criar uma corporação inteiramente independente, onde quer que seja organizado um sanatório... serão estabelecidas associações auxiliares” que deveriam estar “inseparavelmente conectadas” com Battle Creek. – *General Conference Bulletin, 18 de abril de 1901, p. 316, 317.*

Esta era uma idéia à qual se oporiam vigorosamente Ellen White e os líderes da igreja, mas nos meses seguintes vozes leais a Kellogg exaltariam este conceito num coro crescente de apoio, pois o sanatório estava começando a atrair pessoas não satisfeitas com a igreja. Muitos deles eram homens dotados, diplomados em teologia ou medicina. Alguns tinham viajado e pregado com Ellen White. Pelo menos um deles era compositor, e seus hinos haviam outrora capturado o espírito da mensagem do Advento. Alguns destes dissidentes – financiados, segundo se comentava, pelo rico fluxo de dinheiro do sanatório – começariam a compor um livro denunciando a Sra. White como impostora. Figuras preeminentes falariam, com crescente ousadia, a respeito de uma grande transformação na igreja, de alguma nova forma de estrutura, de novos objetivos e uma missão inteiramente nova. Entrementes, pouco a pouco por sob a superfície, protegidos pela fortuna de Battle Creek e pela capacidade de persuasão de John Kellogg, os dissidentes avançariam em direção a alvos ainda cuidadosamente ocultos de todos exceto dos olhos de uma mulher de 72 anos de idade na Austrália que viu, enquanto dormia, estranhas reuniões e conferências durante a noite, e um homem vestido de branco com um poder de persuasão inexplicável, em termos humanos.

Esse é o problema que sobrecarrega a mente de Ellen White enquanto o sol nascente do novo ano aquece o céu de verão sobre Cooranbong. O grande braço médico da igreja, tão necessário para demolir preconceitos e abrir portas para a mensagem do advento, está sendo inexoravelmente separado do corpo principal das idéias adventistas. A Sra. White toma uma folha de papel em branco, ergue sua pena, e as palavras começam a fluir para o Presidente da Conferência Geral, George Irwin: “Prezado Irmão Irwin: ... Salve Dr. Kellogg dele mesmo. Ele não está atendendo ao conselho que deveria atender”. – *Ellen G. White, carta 3, 1900.*

Mil e novecentos – as oportunidades para terminar a obra de Deus nunca foram tão brilhantes. Por uma vez o mundo está quase inteiramente em paz. Do Maine a Manila, de Paris a Canton, pode-se ir a quase qualquer parte com o evangelho, sem nem mesmo um passaporte. Sentindo fome pela mensagem de saúde sobre a qual a maioria delas nunca ouviram, as pessoas buscam exercícios ao ar livre e transformam suas necessidades insatisfeitas em uma mania louca por ciclismo. Os poucos afortunados que podem chegar a Battle Creek, chegam aos milhares, inconscientes das lutas que se agitam sob a superfície, impressionados até mesmo com uma visão parcial da verdade. Anjos laboriosos já fizeram tudo o que o céu pode fazer para preparar o mundo para a mensagem do Advento. A grande mensagem da chuva serôdia de vitória em Jesus foi oferecida. Na América a legislação dominical a nível nacional foi introduzida, amplamente debatida, erguida como um sinal de advertência a fim de despertar os crentes negligentes para uma nova vida. É inconcebível que tal oportunidade possa ser perdida, e

contudo é isto que está ocorrendo. O Sanatório de Battle Creek está em vias de desligar-se da igreja, com seus fundos desviados, sua estrutura legal manipulada. Na Review and Herald, material mundano está sendo aceito para ser impresso. O conteúdo é tal que a Sra. White teme que mesmo os homens que o leiam casualmente ao compor os tipos estarão em perigo. A teologia básica da igreja está começando a ser desafiada por idéias heréticas sobre a natureza de Deus – idéias que, adverte ela, ameaçarão verdades básicas como a do santuário celestial. No desespero de proteger a igreja do perigo, porém mal sabendo como fazê-lo, ela adverte os pais adventistas a manterem seus filhos longe de Battle Creek, onde eles podem ser “influenciados pelas insinuações ... introduzidas para enfraquecer a confiança em nossos ministros e na mensagem”. (*Special Testimonies, série B, n° 6, p. 3*). Os últimos momentos da luz do dia estão escapando ao povo de Deus enquanto eles compram e vendem bens imóveis, e ampliam as dependências do Sanatório de Battle Creek, e fazem planos e mais planos ...

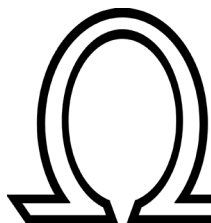
Logo uma carta, redigida por Ellen White poucos dias antes do Natal, chegará à escrivania do Dr. Kellogg. “Eu lhe escrevo como u’a mãe escreveria à seu filho. Eu o ajudaria se pudesse ... Se fosse possível iria vê-lo... Se acolher as mensagens de advertências que lhe foram enviadas ser-lhe-á poupada grande tribulação”. *Testimonies, vol. 8, p. 190, 191.*

Tudo está preparado. Como Israel no Sinai, o povo de Deus está agora a somente poucas semanas de viagem da Terra Prometida.

É tempo para a mensagem do Advento ir como fogo em campo de feno.

É o tempo do contra-ataque do Diabo.

É o tempo de uma apostasia chamada Alfa.



Cap. 2 – “Recebemos as Tristes Novas”

Em 18 de fevereiro de 1902 – nas frias horas antes da alvorada o gongo de alarme soou dentro das arcadas de tijolos e pedras da sede do Corpo de Bombeiros de Battle Creek. Luzes faiscavam; os homens estavam atropalhados com os botões de bronze de seus grosseiros jaquetões enquanto no andar térreo os arreios eram colocados sobre os cavalos. O condutor com um impulso subiu ao banco do carro de bombeiros, tomou as rédeas, e a grande máquina começou a se mover estrepitosamente sobre a rua pavimentada de tijolos, quebrando o silêncio de uma escura manhã de inverno. Era terça-feira, e o Sanatório de Battle Creek estava sendo completamente destruído pelo fogo.

No terreno ao redor os funcionários do turno da noite conseguiram colocar quatrocentos pacientes a salvo, enquanto o prédio principal se tornava uma coluna de chamas. Um bombeiro mais tarde declararia quão inúteis pareciam ser seus esforços; a água despejada sobre as chamas parecia aumentar sua fúria. Já de madrugada a maior parte do grande complexo havia sido destruída, reduzida a ruínas fumegantes sob o céu hibernal.

O Dr. Kellogg, retornando da Costa do Pacífico, soube da tragédia por um repórter na estação ferroviária de Chicago. Ele imediatamente entrou em ação. Após tomar o trem para Battle Creek, Kellogg fez seu secretário procurar uma mesa, e gastou o resto da viagem traçando planos para um novo edifício.

“Hoje recebemos as tristes novas do incêndio do Sanatório de Battle Creek”, escreveu Ellen White dois dias mais tarde, porém não expressando surpresa. Por muitas semanas ela havia se preocupado com os eventos em Battle Creek, suas noites se haviam tornado “muito agitadas” por um pressentimento de um problema que se aproximava, e agora lhe faltavam palavras. “Eu deveria nesta ocasião falar palavras de sabedoria, mas que posso dizer? Estamos aflitos com aqueles cujos interesses da vida estão ligados a esta instituição. ... Podemos de fato chorar com aqueles que choram”. – *Special Testimonies, série B, nº 6, p. 5*. Entretanto, ela possuía algumas recomendações para oferecer que a colocavam em rota de colisão direta com o Dr. Kellogg: sob nenhuma circunstância reconstruir em Battle Creek. Em vez disso, construir várias instituições menores. “Uma solene responsabilidade repousa sobre aqueles que se tem encarregado do

Sanatório de Battle Creek. Edificarão eles em Battle Creek uma instituição gigantesca, ou executarão o propósito de Deus fazendo estabelecimentos em muitos lugares?”. *Idem, p. 9.*

Era uma pergunta que receberia resposta muito em breve. Em 17 de março de 1902, um grande grupo de líderes da igreja se reuniu em Battle Creek para planejar o que fazer em seguida. Kellogg estava lá, radiante de entusiasmo, pintando quadros verbais de um novo e magnífico prédio, e, embora as advertências de Ellen White houvessem sido dadas a menos de um mês, foi delineado um plano que alguns dos irmãos podem ter visto como uma espécie de ajuste. Em vez de reconstruir os dois edifícios principais, somente um seria erigido, limitado a cinco andares de altura e 150 metros de comprimento. Somente mais tarde, examinando as bases do alicerce, eles descobririam quão liberalmente Kellogg pretendia interpretar suas restrições.

Essa descoberta, entretanto, pertencia ao futuro, e nesse ínterim um plano tinha de ser traçado para levantar o dinheiro para a construção. A. G. Daniells, presidente da Conferência Geral, fez lembrar que Ellen White havia recentemente dedicado seu livro *Parábolas de Jesus* com o propósito de levantar fundos para escolas Adventistas. Isto teve bom êxito, e Daniells conjecturou sobre a possibilidade de Kellogg, um conferencista sobre temas de saúde nacionalmente famoso, escrever um livro de medicina popular a fim de levantar fundos necessários para reconstruir o sanatório. Kellogg aceitou a tarefa com gosto. Ele era um escritor prolífero que ditava no trem, de sua bicicleta, mesmo da banheira, para um secretário que parece ter desempenhado suas funções razoavelmente bem, a despeito das circunstâncias perturbadoras. Entusiasticamente empreendeu ele a tarefa e completou o manuscrito para o novo livro em tempo recorde; partiu então para prolongadas férias de verão na Europa.

Assim a sorte foi lançada. O Sanatório de Battle Creek seria reconstruído apesar dos conselhos de Ellen White, e os irmãos saberiam logo que estavam disputando um jogo no qual as apostas eram altas e as regras misteriosas. Um dia, no início do verão, examinando os alicerces, alguém descobriu um fato curioso: eles eram 30 metros mais longos do que Kellogg havia prometido e agora parecia que várias alas grandes se estenderiam em um semicírculo na parte de trás do edifício. Em 1904 as palavras de Ellen White resumiam a situação com intensa tristeza: “Quando o Senhor varreu do caminho o grande Sanatório de Battle Creek, Ele não tencionava que jamais fosse reconstruído lá outra vez. ... Tivesse este conselho sido atendido, e as pesadas responsabilidades relacionadas com o Sanatório de Battle Creek não existiriam agora. Estas responsabilidades são um fardo terrível”. *Idem, p. 26.*

O “fardo terrível” ao qual ela se referiu era, naturalmente, financei-

ro. Kellogg estava reconstruindo em grande escala muitíssimo diferente de qualquer coisa que os irmãos tinham imaginado, e isto estava começando a ficar dispendioso. O prédio na Rua Washington estava se materializando em uma estrutura maciça da renascença italiana capaz de acomodar mais de mil pacientes – cerca de dez vezes o número sugerido pela Sra. White como ideal. Havia cinco acres de extensão de piso reluzente, com mármore decorado instalado pelo mesmo hábil artífice italiano que havia supervisionado o suntuoso trabalho em mosaico na Livraria do Congresso, e parecia que nada seria poupado para fazer o lugar “o mais completo, inteiramente equipado, e perfeito estabelecimento deste estilo no mundo”. (*The Battle Creek Sanitarium Food Idea*, vol. 1, nº 1, 15 de novembro de 1902). O peso financeiro imposto por tais planos logo cresceu vertiginosamente.

Mas a crise real para a igreja, tão terrível que Ellen White francamente duvidava se podia sobreviver a ela, envolvia alguma coisa mais profunda do que dinheiro. Poucos a podiam ver, mas ela já havia chegado. Escondidos no novo livro do Dr. Kellogg estavam todos os elementos de uma incomparável crise doutrinária.

Por vários anos Kellogg estivera fazendo algumas declarações um tanto estranhas sobre a natureza de Deus. “Deus está em mim”, havia dito recentemente numa reunião da Conferência Geral, “e tudo que faço é o poder de Deus; cada ato isolado é um ato criativo de Deus”. (*GC Bulletin*, 2d Quarter, 1901, p. 497). Era uma ideia fascinante que parecia trazer a Divindade muito perto, e rapidamente captou o interesse de alguns bem conhecidos intelectuais da denominação. Havia um encanto peculiar na sugestão de Kellogg de que o ar que respiramos é o agente através do qual Deus envia Seu Espírito Santo fisicamente em nossas vidas, que a luz do sol é Seu “Shekinah” visível. E mesmo as mentes bem treinadas respondiam ao novo conceito contagiando-se com o entusiasmo evangelístico de Kellogg. Agora estes sentimentos estavam aparecendo ainda mais persuasivamente nas folhas de galé do novo livro que ele havia escolhido intitular *The Living Temple*. No corpo humano, declarava ele, estava “o Poder que constrói, que cria – é o próprio Deus, a divina Presença no templo”. *J. H. Kellogg, The Living Temple*, p. 52.

Poucos imaginavam que esta ideia poderia desviar a pessoa totalmente do cristianismo, levando-a a um domínio de misticismo religioso que não dava lugar ao Ser Divino ou a um local chamado céu. Um homem que viu o perigo foi William Spicer, um missionário que havia recentemente voltado da Índia, agora um administrador da Conferência Geral, que imediatamente reconheceu na nova teologia de Kellogg as mesmas ideias que havia visto no Hinduísmo. Alarmado, Spicer foi a Kellogg para acertar tudo isto com uma palestra pessoal. Os dois homens assentaram-se na varanda da desconexa casa com vinte e sete quartos que Kellogg chamava A Residência, e Spicer, para sua surpresa, achou-se “imediatamente no meio de uma discussão com questões das mais controvertidas”.

“Onde esta Deus?” Kellogg perguntou.

“Ele está no céu”, Spicer replicou. “Lá a Bíblia descreve o trono de Deus, e todos os seres celestiais sob Seu comando”.

Kellogg, com 50 anos de idade e 13 anos mais velho que Spicer, num gesto estendeu o braço em direção ao gramado, declarando que Deus estava na grama, nas árvores, nas plantas, em tudo ao redor deles.

“Onde está o céu?” perguntou ele.

“No centro do universo”, Spicer replicou. “Onde é isso ninguém pode dizer”.

“O céu está onde Deus está, e Deus está em todo lugar”, Kellogg retrucou. Spicer deixou a entrevista aturdido, compreendendo que avistara de relance a pontinha de algo maior do que qualquer um havia imaginado – algo que podia abalar a igreja. “Não havia lugar neste esquema de coisas para anjos irem entre o céu e a terra. ... A purificação do santuário ... não era alguma coisa num céu distante”. “O Santuário a ser purificado” era o coração. – *Veja Ellen G. White Estate Document File 15C, W. A. Spicer, “How the Spirit of Profecy Met a Crisis”, p. 21.*

William Spicer tinha encontrado os primeiros ventos da tempestade e ele interpretou seu terrível significado acuradamente. No verão de 1902, enquanto o mundo se encontrava pronto para a terceira mensagem angélica e os últimos momentos de pacífica oportunidade se escoavam, um dos principais pilares da fé Adventista havia repentinamente sido desafiado. De uma maneira que ele próprio não entendeu completamente, Kellogg causara dano à própria razão de ser do Adventismo. Havia ele, talvez, inconscientemente a princípio, atacado a doutrina do santuário celestial.

No coração da doutrina Adventista do Sétimo Dia permanecia o conceito de que no ano de 1844 um grande evento havia ocorrido no céu. Os adventistas baseavam essa crença sobre sua compreensão das profecias de Daniel 8 e 9, no qual os 2.300 anos do tempo profético começaram com o decreto de um rei da Pérsia e terminaram no outono de 1844. No atribulado outono daquele ano eles haviam revisado aquelas profecias, buscando entender porque Cristo não viera como os pregadores Mileritas tinham predito. Suas pesquisas os levaram a uma nova compreensão do livro de Daniel e a uma teologia nunca antes entendida no mundo cristão. Estudo profundo e fervente oração os haviam trazido à conclusão de que em Outubro de 1844 Cristo tinha entrado no Santíssimo do grande santuário celestial, do qual o antigo tabernáculo judeu fora uma vez modelo. Naquele compartimento Ele havia começado a fase culminante da redenção da raça humana. No mais sagrado de todos os ambientes possíveis havia Ele começado a revisar a vida de todos os indivíduos que alguma vez já haviam pleiteado salvação

em Seu nome.

Era uma ideia solene, mesmo quando se pensava somente no julgamento dos que já haviam morrido, mas os Adventistas chegaram a ver uma ideia ainda mais desafiadora: em algum ponto, potencialmente cedo o bastante para confrontar a geração dos que estavam vivos em 1844, a revisão do julgamento de Cristo passaria dos mortos aos ainda vivos. Quando aquela obra fosse completada, haveria um ato final de importância catastrófica para a raça humana. Cristo deporia o incensário que simbolizava Seu ministério de misericórdia em favor do homem, e proferiria as palavras encontradas em Apocalipse 22:11: “Continue o injusto fazendo injustiça ... o justo continue na prática da justiça”. O tempo de prova para o ser humano, que comumente se julga terminar com a morte, terminaria, para um geração de seres humanos, enquanto eles ainda estavam vivos. Tudo no Adventismo apontava em direção aquele evento, advertia com respeito a ele, implorava ao povo que se preparasse para ele. A mensagem Adventista de 1844 era um chamado, eletrificante, calculado para abalar a segurança terrestre e preparar pessoas para encontrar o Senhor. E a menos que se estivesse disposto a entregar tudo, sacrificando tudo que o instinto humano supunha importante, era um conceito que deixaria a pessoa enormemente incomodada.

Quase desde o momento de seu surgimento, a doutrina Adventista do santuário tinha estado sob ataque. Teólogos ridicularizavam-na como uma clara tentativa para explicar o fato que Cristo não havia voltado em 1844. Outros, talvez involuntariamente, tinham atacado de maneiras mais sutis. Era um desafio terrível compreender que sua vida logo poderia estar sob a revisão final de Deus. Os ataques vieram de todas direções, tão persistentes e intensos, que Ellen White finalmente disse que “toda fase de heresia, nos cinquenta anos passados, tem sido trazida sobre nós, para anuviar nossas mentes com relação aos ensinamentos da palavra – especialmente concernentes à ministração de Cristo no santuário celestial e a mensagem do céu para estes últimos dias, como dada pelos anjos do capítulo catorze de Apocalipse”. (*Ellen G. White, manuscrito 44, 1905*). Bradara ela: “Não permita Deus que o tagarelar de palavras vindas de lábios humanos diminua a crença de nosso povo na verdade de que há um santuário no céu, e que o modelo deste santuário já foi uma vez construído sobre esta terra”. – *Ellen G. White, carta 233, 1904*.

Um “tagarelar” dos mais altos, como Ellen White escolheu chamá-lo, tinha vindo de um eminente ministro Adventista com o nome de D. M. Canright, que se havia demorado por anos em questões e dúvidas e tinha assumido uma doutrina anti adventista. Ele afinal deixou a igreja completamente, fazendo depois disto sua principal missão na vida o atacar as crenças que dantes possuía. Em 1889 ele publicou um livro intitulado *Seventh-Day Adventism Renounced*, no qual fez a acusação de que “os Adventistas do Sétimo dia fazem tudo girar em torno de seu ponto de vista do santuário. ...

Se eles estão errados sobre isto, sucumbe toda a sua teoria”. (*D. M. Canright, Seventh-day Adventism Renounced, p. 117*). Tendo dito aquilo, ele em seguida procedeu a um ataque contra Ellen White, seguido por assaltos ao Sábado, à lei, e ao estado dos mortos. Perto do fim de suas 418 páginas, Canright chegou a sua conclusão: “O sistema do Adventismo do Sétimo Dia baseia-se no fundamento de teorias insustentáveis de um velho fazendeiro inculto em seus últimos dias e nas fantasias de uma menina totalmente inculta, ignorante, doente e nervosa”. (*Idem, p. 413*). Mas o breve dia de sol de Canright tinha terminado, e ele se encontrou com nada exceto memórias solitárias do que devia ter sido. Em 1919, com as sombras de sua última doença se agravando, ele se ergueria um pouco do crepúsculo no qual estava mergulhando para um último apelo a seu irmão: “Permaneça com a mensagem, Jasper. Eu a deixei e sei que estou morrendo como um homem perdido”. – *Document File 351, carta datada de 5 de julho de 1920*.

Canright tinha escolhido atacar a verdade do santuário frontalmente, acusando os Adventistas de terem interpretado mal Daniel 8:14 e de o terem erradamente ligado com Levítico 16, o qual descreve o Dia Judaico da Expição. Cristo tinha ido diretamente ao Lugar Santíssimo na Sua ascensão, Canright argumentou, e consequentemente a ênfase Adventista sobre a purificação do Santuário em 1844 estava errada. Era, repetimos, um ataque direto as convicções básicas da igreja: não era necessário um dom especial para ler seu livro e ver que ele discordava do Adventismo.

Mas o mais recente desafio ao santuário, vindo de John Harvey Kellogg em 1902, era tudo, menos evidente. Conduzia a pessoa através de uma série de passos aparentemente lógicos, cada um deles até certo ponto oculto do próximo de forma que era possível a pessoa se encontrar completamente fora do Adventismo antes de perceber que qualquer coisa estava errada. Para muitas pessoas que almejavam conhecer melhor a Deus, era tranquilizador vê-lo na luz do sol, senti-lo no ar inspirado, e crer que Ele estava em cada ato da vida. Contudo se uma pessoa cuidava em pensar sobre o assunto, tudo isto produzia algumas perguntas que eram difíceis de responder dentro da estrutura do Adventismo tradicional – perguntas que William Spicer tinha já encontrado na varanda de Kellogg. Se Deus está em todo lugar, e se o céu está onde Deus está, então o céu precisa também estar em todo lugar. Se é assim, onde *está* o santuário? Kellogg tinha uma resposta, naturalmente: era encontrada no título de seu novo livro *The Living Temple*. O santuário de Deus estava no corpo humano – um passo na lógica que agora compelia a pessoa a rejeitar os eventos de 1844 como uma desconexão inadequada para a nova luz. Na melhor, das hipóteses, 1844 poderia ser explicado somente como um fato da história, uma estação intermediária na estrada do Adventismo em direção à maturidade.

Era um erro sutil nem mesmo completamente entendido pelo próprio médico, e contudo alguns líderes denominacionais o estavam reconhecen-

do; e a pergunta que agora estava começando a se espalhar ao redor de Battle Creek era esta: Deveria o novo livro de Kellogg ser impresso? Não era um problema simples. À medida que 1902 se desvanecia, a dispendiosa construção do sanatório estava ameaçando causar uma completa crise financeira. Por razões monetárias o livro do Dr. Kellogg precisava urgentemente ser publicado e vendido. E, também, havia muitas pessoas ao redor de Battle Creek que não viam nada de errado com o livro, e que estavam adotando a teologia do doutor com alegria evangélica. Foi em uma atmosfera de tempestade que a Comissão da Conferência Geral se reuniu no outono de 1902 para decidir se emitiriam uma ordem de impressão para o gerente da Review and Herald.

A decisão deles não foi considerada fácil pelo relato da comissão de revista que tinha sido apontado para ler o manuscrito e recomendar se seria impresso ou abandonado; a maioria daquele grupo não viu “razão nenhuma porque não possa ser recomendado”, (*Document File 15C, Spicer, “How the Spirit of Prophecy Met a Crisis”, p. 29*) um relatório assinado por homens tais como A. T. Jones, que tinha viajado e pregado com Ellen White nos anos seguintes a 1888. Somente dois dos cinco membros da comissão votaram contra o livro.

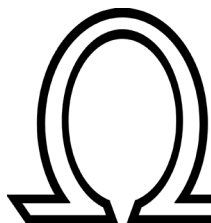
E então ocorreu um daqueles eventos extraordinários que mudam para sempre o curso da história, alterando as relações entre homens e instituições. O Concílio Outonal de 1902 aceitou o relatório da minoria; o livro não deveria ser publicado e a igreja simplesmente confiaria no Senhor para que os fundos para o novo sanatório pudessem ser encontrados.

Por todas as normas e práticas denominacionais, este deveria ter sido o fim da história. Mas em 1902 o Dr. John Kellogg estava próximo do ponto de onde não era possível retornar. Por vários anos ele havia rejeitado mensagens de Ellen White que atrapalhavam seus planos, frequentemente com a desculpa de que ela havia agido com base em informação falsa suprida pelos adversários dele e que os testemunhos dela para ele estavam errados. Agora ele estava se defrontando com um desafio direto da igreja organizada, e tinha de fazer uma decisão. Rapidamente ele agarrou uma alternativa: A Review não aceitava encomendas de impressão de fora? Uma mensagem desceu a Rua Washington com destino a Casa Publicadora Central Adventista: publique 5.000 cópias do *The Living Temple* e lance o débito para J. H. Kellogg.

O pedido foi aceito. Os tipos que foram negados pela não aprovação do livro estavam agora prontos para o uso. As chapas estavam prontas para a impressão. Na sala de impressão pilhas de papel ordenadas estavam prontas para passar pelo prelo a vapor. Em um sossegado vale da Califórnia Ellen White foi para a cama atribulada por um pressentimento que ela compreendia muito bem. “Nas visões da noite vi um anjo permanecendo

com uma espada como que de fogo estendida sobre Battle Creek”. – *Testimonies*, vol. 8, p. 97.

Para a Review, o tempo podia agora ser medido em horas.



Cap. 3 – “Uma Espada como de Fogo”

Arthur G. Daniells, de 44 anos de idade, presidente da Conferência Geral, trabalhou até tarde na noite de 30 de Dezembro de 1902. Durante uma pausa de poucos momentos, ele conversou primeiro com seu jovem assistente administrativo e depois com I. H. Evans, gerente geral da Review and Herald Publishing Company. Era uma noite quente de inverno em Michigan, calma, sem neve, e os dois homens bem podiam estar relaxados e a vontade em sua conversação. A Review, a maior e mais moderna casa publicadora em Michigan, estava indo excepcionalmente bem. O velho ano havia produzido um grande lucro e o novo ano prometia ser tão brilhante quanto o anterior.

Dois quarteirões acima, na Rua Washington, o sino do tabernáculo anunciava a reunião de oração, e Daniells provavelmente deu uma olhada em seu relógio para descobrir que eram agora sete e meia. Se assim foi, esse foi o último ato regular que Daniells realizaria aquela noite. Momentos mais tarde as luzes se apagaram; do outro lado da rua veio um brilho sombrio e lúgubre que era inconfundível para qualquer um que tivesse visto o fogo do sanatório. O principal prédio da Review and Herald estava em chamas.

Quando Daniells e Evans conseguiram chegar a rua, toda a sala de impressão estava em chamas. Era uma visão violenta, quebrada por explosões periódicas das janelas dos escritórios superaquecidos. Do lado de fora podia-se ouvir o som da maquinaria caindo, bem como o desmoronamento do segundo andar. Dentro de uma hora a Review and Herald Publishing Company havia se reduzido a uma pilha de carvão e tijolos espalhados, com prensas Adventistas quebradas jazendo entre as derretidas chapas de impressão do *Living Temple* de Kellogg.

Perdido. Dentro de um devastador ano as duas maiores instituições da Igreja Adventista do Sétimo Dia tinham desaparecido na fumaça, e o Comandante Weeks, do Corpo de Bombeiros de Battle Creek, resumiu tudo tão bem como outro poderia ter feito: “Há alguma coisa estranha com os incêndios dos ASD, em que a água despejada age mais como gasolina”. *(Citado em uma carta de B. P. Fairchild a A. L. White, 4 de dezembro de 1965)*. Por semanas uma sinistra lembrança pairou sobre Battle Creek, tornando impossível esquecer o que tinha acontecido. Durante o incêndio uma grande pilha de carvão havia pegado fogo. Ela permaneceu queimando até feverei-

ro, produzindo uma coluna de fumaça que, silenciosamente, fazia lembrar a advertência de Ellen White: “A menos que haja uma reforma, calamidade surpreenderá a casa publicadora, e o mundo conhecerá a razão”. (*Testimonies*, vol. 8, p. 96). E agora isto havia acontecido, e a mensagem ficou pintada no céu de Michigan por semanas.

“Por muitos anos tenho carregado um pesado fardo por nossas instituições”, a Sra. White escreveu após ter recebido o triste telegrama. “Algumas vezes tenho pensado que não deveria mais assistir a grandes assembleias de nosso povo, pois minhas mensagens parecem deixar pouca impressão nas mentes de nossos irmãos dirigentes após as reuniões terem terminado”. Contou ela muito, pesarosamente como deixava tais reuniões “opressa como um carro carregado de molhos”. – *Special Testimonies, série B. n° 6, p. 56*. A mensagem de fumaça sobre Battle Creek traduzia uma questão muito simples: Seguiria o povo de Deus, mesmo com sacrifício de seus próprios planos e preferências, as instruções dadas por Sua mensageira?

Esta era uma pergunta a qual John Harvey Kellogg parecia estar muito perto de responder irrevogavelmente. Ele havia sido advertido repetidamente por Ellen White de que suas novas idéias teológicas levariam a ele e a todos os que o seguiam a um terreno perigoso. A igreja organizada tinha se recusado a imprimir seu manuscrito. Ele havia agido por conta própria, e agora os destroços da Review and Herald Publishing Company jaziam debaixo de uma coluna de fumaça de carvão que manchava o céu hibernal. Por qualquer padrão de julgamento havia aqui uma mensagem para o Dr. Kellogg; porém ele estava para demonstrar o poder de uma escolha que, tendo rejeitado a verdade, agora levava cada vez para mais longe dela. Um dos seus primeiros atos após o incêndio foi levar seu manuscrito para uma publicadora de fora para ser impresso.

Kellogg tinha iniciado um desafio direto aos líderes da igreja, e logo tornou-se claro que o jogo deveria envolver mais do que só a impressão de um livro – deveria, na realidade, envolver o controle da própria Conferência Geral.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia estava organizada como um sistema democrático. As igrejas locais elegiam os oficiais por maioria de voto. Periodicamente eles também elegiam membros para reuniões da assembleia da associação, onde os delegados representavam suas igrejas ao eleger oficiais da associação e uma comissão executiva para a associação. As associações locais, por sua vez, enviavam representantes para reuniões de eleitorado, onde oficiais da união eram eleitos. E a Conferência Geral, periodicamente, abria uma sessão formal, onde o mesmo processo democrático era empregado para eleger a liderança mundial.

Era um sistema exequível, semelhante aos governos democráticos por

todo o mundo, mas partilhava com estes de uma realidade comum: não era imune à manipulação por parte daqueles que eram experimentados politicamente e altamente organizados. Deste modo um grupo local bem estruturado podia enviar para as reuniões de eleitorado da associação delegados que podiam não representar realmente o pensamento da igreja como um todo mas que podiam falar de um ponto de vista particular ou de teologia tão habilmente que mesmo a direção de uma grande associação poderia ser significativamente afetada. E há todos os indícios de que em 1903 John Harvey Kellogg estava seguindo este preciso padrão de raciocínio. Desconcertantes conflitos começaram a se desenvolver em Battle Creek. Facções políticas centralizadas no sanatório, com o tempo passaram a lutar até mesmo pelo controle do tabernáculo de Battle Creek; corriam rumores intensos; velhas amizades se rompiam. O Tabernáculo Dime começou a apresentar os sintomas clássicos de uma igreja em problemas.

Entretanto, havia sinais de que Kellogg estava também tentando depor a presidência da Conferência Geral. De 1901 a 1903 não havia presidência formal da Conferência Geral; em vez disto havia uma assembleia de vinte e cinco homens que escolhiam um “líder”. Sob circunstâncias ideais este tipo de organização devia ter funcionado bastante bem, mas continha uma deficiência prontamente visível para qualquer pessoa com habilidade política e com um pouco de ambição: já não era a sessão da Conferência Geral que escolhia o presidente mundial da igreja e lhe conferia o mandato; ele era apontado por outros vinte e quatro homens. Controlando treze deles, poder-se-ia colocar no posto qualquer um que se desejasse.

Kellogg não era conhecido por perder tais oportunidades, e 1902 e 1903 provaram não ser exceção. Ele começou uma campanha intensa para remover A. G. Daniells da presidência da Conferência Geral, e embora seu plano finalmente falhasse, o doutor alistou uma liga de homens poderosos e influentes que apoiavam sua teologia e pensavam que as opiniões dele deveriam ser promulgadas na igreja da maneira mais ampla possível. Eles eram “homens de proeminência”, como Daniells mais tarde os descreveria – ministros, médicos, e educadores que “abertamente rumaram sua posição em favor do livro e de seus ensinamentos”. (*A. G. Daniells, The Abiding Gift of Prophecy*, p. 336). E perto da chegada do verão tanto Daniells quanto Ellen White ficaram chocados ao saber que este grupo de mentes fortes e persuasivas estavam fazendo questão de ir em busca do único recurso que a igreja não podia se dar ao luxo de perder – sua juventude.

Para aqueles que se dedicam a grandes mudanças no “*status quo*”, os jovens tem sido sempre um atraente alvo de oportunidade. Se a mudança não puder ser efetuada na primeira tentativa, há sempre a esperança de atingir a juventude, cuja fascinação por idéias novas e não convencionais podia ser usada com vantagem em produzir uma “próxima geração” mais complacente. (Essa tática estava justamente se tornando evidente na Europa

Oriental, onde forças empenhadas em mudanças políticas haviam tentado mudar o sistema e fracassado, havendo então começado um apelo agressivo à juventude; o tempo mostraria quão eficaz seria sua técnica). Ellen White estava plenamente ciente do poder que a juventude poderia conferir à igreja; falava entusiasticamente sobre o grande “exército” jovem que levaria o evangelho a “todo o mundo”, (*Educação, p. 271*) e ela reconheceu imediatamente o problema quando se tornou claro que as forças de Kellogg estavam começando a olhar com interesse para os jovens da igreja.

A primeira insinuação daquela tática foi revelada quando o livro de Kellogg saiu do prelo. O *Living Temple* foi imediatamente promovido e enviado para associações locais justamente a tempo das campanhas de verão, e “esforços vigorosos” foram feitos para envolver a juventude em difundir-lo para venda. (*Daniells, loc. cit.*). O Pastor Daniells notou a nova manifestação com grande preocupação. “Vi sementes sendo disseminadas entre centenas de jovens em nossas principais instituições”, declarou, alguma coisa que ele “firmemente cria que deveria produzir como resultados profundos desgostos a centenas de nossos irmãos”. – *Idem*.

Kellogg estava também usando os jovens de uma maneira política. Em novembro de 1903 Ellen White escreveu para o Pastor S. N. Haskell, advertindo-o de que os estudantes estavam sendo arrolados em uma campanha para escrever cartas destinadas a produzir pressão política favorável ao sanatório. “No sanatório em Battle Creek, os estudantes e auxiliares tinham sido encorajados pelos gerentes a escrever para seus pais e amigos e falar das coisas maravilhosas que estavam sendo feitas na instituição”, ela disse – coisas que lhe haviam sido reveladas como estando muito longe de ser maravilhosas. (*Carta de Ellen G. White a S. N. Haskell, 28 de novembro de 1903*). Ela constantemente se preocupava com os jovens estudantes do sanatório, que estavam ouvindo a nova teologia dos professores a quem respeitavam, e os perigos eram tão grandes que ela abertamente advertia os pais a manterem seus filhos longe de Battle Creek. Ainda em 1901, em resposta a sua preocupação, o Colégio havia sido fechado e a escola mudada para uma nova região em Berrien Springs, deixando em Battle Creek somente as classes relacionadas com medicina, que eram dadas no sanatório. Entretanto, o alvará de funcionamento do Colégio de Battle Creek não havia expirado, deixando a possibilidade teórica de reabrir o campus em qualquer tempo que alguém assim quisesse fazer, e agora, ao se acalorar a batalha, Kellogg apoderou-se dessa tática como meio de atingir os jovens da igreja. Brochuras atrativas foram impressas anunciando a reabertura do Colégio de Battle Creek (uma necessidade, afirmava ele, para se obter a aprovação de detalhes técnicos relacionados a escola de medicina. A equipe de recrutadores entrou em campo. Planos grandiosos para a nova instituição foram expostos e aos jovens se falou “das grandes vantagens do preparo neste Colégio de Battle Creek, agora reaberto”. (*Daniells, op. cit., p. 34*). Era um desafio que fez com

que Ellen White se pusesse de pé em alarme.

“Como nós poderíamos consentir ter a flor de nossa juventude chamada para Battle Creek a fim de receber sua educação, quando Deus tem dado advertência após advertência de que eles não devem ir para lá”, bradou ela. Alguns dos instrutores “não entendem o real fundamento de nossa fé. ... Não permita Deus que uma palavra sequer de encorajamento seja proferida para chamar nossos jovens a um lugar onde eles serão corrompidos por representações falsas e calúnias concernentes aos testemunhos, e a obra e caráter dos ministros de Deus”. (*Special Testimonies, série B, nº 2, pp. 21, 22*). Assim, as questões controversas, de acordo com a Sra. White, eram duas: a crença no Espírito de Profecia e apoio para o ministério da igreja organizada. E enviar jovens para Battle Creek seria expô-los a ataques de ambos os assuntos.

Havia uma crescente possibilidade de que eles fossem expostos também a outro perigo. No início da história do Adventismo, o afastamento da doutrina básica havia sido acompanhado por estranhos padrões de comportamento, e agora problemas semelhantes pareciam estar surgindo. “Havia idéias confusas de amor livre”, o Pastor L. H. Christian recordaria mais tarde, “e havia práticas imorais por alguns daqueles que apresentavam a doutrina de um Deus impessoal difundido através da natureza, e a doutrina da carne santa. Os detalhes daquele capítulo de vergonha não devem agora ser contados, mas aqueles que conheceram os fatos compreenderam a verdade destas palavras:

“Teorias panteístas não são apoiadas pela Palavra de Deus. ... As trevas são seu elemento, a sensualidade sua esfera. Elas gratificam o coração natural, e dão margem à inclinação”. – *Review and Herald, 21 de janeiro de 1904, p. 9*. – *L. H. Christian, The Fruitage of Spiritual Gifts, pp. 291, 292*.

Aqueles que aceitaram as idéias de Kellogg pareciam adotar um modo de evangelismo agressivo que, se contrariado, poderia rapidamente se tornar em hostilidade. Uma noite o Pastor Daniells estava voltando para casa de uma reunião do Concílio Outonal da Comissão da Conferência Geral. Era outubro de 1903; o assunto do livro de Kellogg (agora impresso, contra a recomendação denominacional) tinha se tornado uma controvérsia intensa e agitada na igreja. Daniells parou debaixo de uma brilhante lâmpada na rua, para falar por uns poucos minutos com um obreiro que cria nas opiniões de Kellogg e que estava fazendo “tudo ao seu alcance” para difundir o livro. Os dois homens conversaram por algum tempo, não hesitando em tentar converter um ao outro, quando de repente o obreiro tornou-se áspero. “Você está cometendo o maior erro de sua vida”, ele ameaçou. “Após todo este tumulto, algum dia destes você despertará para encontrar a si mesmo reduzido a pó, e um outro estará liderando a causa”.

“Realmente não creio na sua profecia”, Daniells replicou, e então deixou escapar um comentário posterior, na linguagem de um homem que parece ter vislumbrado por um instante alguma coisa, maior do que sua própria carreira. “De qualquer forma, eu preferia ser reduzido a pó fazendo o que em minha alma creio estar certo, a andar com príncipes, fazendo o que minha consciência me diz estar errado”. Então ele se voltou em direção à porta da frente de sua casa para salvar o que podia de descanso daquela atribulada noite, meditando, sem dúvida, sobre as estranhas mudanças de comportamento que acompanhavam a incursão de seus amigos nesta nova teologia. – *Daniells, op. cit., pp. 336, 337.*

Aquele, se alguém parasse para pensar sobre ele, era um dos maiores perigos que a igreja agora enfrentava. Em última análise, a mensagem do Adventismo tinha sempre incluído o aspecto de comportamento. Temei a Deus e dai-Lhe glória. Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Bem aventurados aqueles que obedecem aos Seus mandamentos. Àquele que vencer. *Àquele que vencer ...*

Nada havia de cômodo na mensagem Adventista para alguém que se interessava em aceitar o cristianismo apenas em parte.”Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra”. – *O Grande Conflito, p. 424.*

O Adventismo tinha levado as pessoas mais longe do que jamais haviam ido antes, ao próprio âmago do céu, um compartimento onde uma luz ofuscante pairava sobre um lugar chamado o propiciatório, e onde também se tornava a descobrir uma constante eterna chamada à lei de Deus. Aqui o ato final no plano da salvação estava agora em andamento; deste lugar vinha não somente misericórdia mas um novo desafio ao comportamento humano, e um poder, nascido da fé, para viver uma vida vitoriosa. “*Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal*”. – *Idem, grifos acrescentados.*

Esta era a contribuição singular do Adventismo para o mundo, a mensagem final que colocava o arremate sobre a Reforma. Por séculos os Cristãos tinham acreditado que a salvação vem da fé em Cristo. Aceitando completamente isto, os Adventistas extraíram das Escrituras uma nova dimensão que sondava as próprias profundezas da fé: através da fé em Cristo a vida toda poderia ser trazida em harmonia com a lei divina

que mantinha o universo unido.

E tudo isto foi dito com um senso de urgência, como se o tempo disponível para que uma pessoa realizasse isso fosse muito curto. “Estamos nos preparando para encontrar Aquele que, acompanhado por uma comitiva de santos anjos, está prestes a aparecer nas nuvens do céu para dar ao fiel e justo o toque final da imortalidade. Quando Ele vier não irá nos limpar de nossos pecados, remover de nós os defeitos de caráter, ou curar-nos de nossas enfermidades de temperamento e disposição. Se esta obra for realizada por nós, será totalmente completada antes daquele tempo. Quando o Senhor vier, aqueles que são santos, serão santificados ainda”. – *Testimonies*, vol. 2, p. 355. Em 1868 num dia de verão Ellen White tinha escrito pensamentos semelhantes em uma carta de aniversário para seu filho, na qual o amor de mãe tinha se combinado com o inconfundível desafio da velha mensagem do Advento: “Não te enganes. Deus não Se deixa escarnecer. Nada senão a santidade te preparará para o céu. ... O caráter celestial deve ser adquirido na terra, ou jamais poderá ser adquirido”. – *Testemunhos Seletos*, vol. 1, p. 245.

Havia um idealismo sobre o Adventismo, alguma coisa além mesmo dos sonhos dos Reformadores, que haviam iluminado o mundo com a mensagem de fé reavivada. Lutero, Calvino, Knox – todos tinham vivido no tormentoso fim da longa noite da história, todos empurrando para trás as sombras a seu próprio modo, conforme as forças que lhe eram dadas por Deus. Mas agora o dia, que começara tão cheio de promessas no século dezesseis, havia terminado há muito. A história humana estava perto do fim, e os Adventistas do Sétimo Dia tinham uma mensagem que nunca dantes havia sido dada ao mundo. Esta geração poderia viver durante o processo do juízo investigativo – poderia viver para ver Jesus voltar.

Consequentemente a atenção Adventista tendia a se focalizar em objetivos que não mais podiam ser postos em algum futuro confortável e distante. Para eles o desafio era agora, e eles procuravam na Bíblia exemplos do que Deus esperava do povo que devia ser transladado ao céu sem passar pela sepultura. “Por meio da transladação de Enoque, o Senhor tencionava ensinar uma lição importante”, Ellen White escreveu. “Ensinava-se aos homens que é possível obedecer à lei de Deus, que vivendo embora em meio dos pecadores e corruptos, eram capazes, pela graça de Deus, de resistir à tentação, e tornar-se puros e santos. ... O caráter piedoso deste profeta representa o estado de santidade que *deve ser alcançado* por aqueles que hão de ser “comprados da Terra” (Apocalipse 14:3), por ocasião do segundo advento de Cristo”. – *Patriarcas e Profetas*, p. 85, *grifos acrescentados*. E aquele padrão parecia ser uma parte da missão da igreja.

Enoque tinha vivido na Terra antes da sua destruição pela água, e sua própria vida foi uma mensagem de misericórdia, mostrando o poder de Deus para salvar. Agora uma destruição ainda maior se aproximava, e o mundo

merecia uma última visão clara do caráter de Deus. “Como Enoque, advertirão o mundo da segunda vinda do Senhor, e dos juízos que cairão sobre os transgressores; e pela sua santa conversação e exemplo condenarão os pecados dos ímpios” (Idem, p. 86). Em 1902 havia ela novamente lembrado aos Adventistas que “nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não o que o ministro pregue, mas o que a igreja pratique em sua vida”. – *Testemunhos Seletos*, vol. 3, p. 290.

Apesar de tudo, os Adventistas tinham feito uma das mais ousadas afirmações jamais feitas na fé Cristã. Eles reclamavam ter uma nova visão dos mais profundos recessos do céu, onde se encontrava a norma pela qual Jesus estava agora julgando o mundo. Os Adventistas tinham redescoberto a lei, e agora precisavam fazer alguma coisa com ela: ou tinham de vivê-la, através do poder de Deus, ou desenvolver as melhores desculpas do mundo para o pecado.

Havia um perigo real de que eles pudessem ser tentados a escolher a última alternativa. A norma que se revelava no santuário era, afinal, excessivamente alta. Ellen White advertiu contra esta possibilidade era termos que são difíceis de ser mal entendidos. “Ninguém diga: Não posso remediar meus defeitos de caráter. Se chegardes a esta decisão, certamente deixareis de alcançar a vida eterna”. – *Parábolas de Jesus*, p. 331. No importante ano de 1888, ela havia escrito pensamentos semelhantes. “Por meio dos defeitos do caráter, Satanás trabalha para obter o domínio da mente toda, e sabe que, se esses defeitos forem acariciados, será bem sucedido. Portanto, está constantemente procurando enganar os seguidores de Cristo com seu fatal sofisma de que lhes é impossível vencer”. (*O Grande Conflito*, p. 489). Era uma alarmante advertência, dirigida aos perigos que resultariam se os Adventistas alguma vez decidissem desculpar-se perante a lei em vez de guardá-la; contudo, como sempre, sua mensagem terminaria com uma nota de esperança: “Ninguém, pois, considere incuráveis os seus defeitos. Deus dará fé e graça para vencê-los”. (*Idem*) E a confortante garantia é dada: “Se está no coração obedecer a Deus, se são feitos esforços nesse sentido, Jesus aceita esta disposição e esforço como o melhor serviço do homem, e supre a deficiência, com Seu próprio mérito divino. Ele não aceitará os que alegam ter fé nEle e no entanto são desleais ao mandamento de Seu Pai”. – *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 382.

Assim, parecia ser uma missão especial para o povo que se chamava Adventistas do Sétimo Dia, que sabiam tanto sobre o que devia logo acontecer ao mundo. Por séculos os cristãos tinham proclamado a mensagem de fé, agora os Adventistas estavam levando avante essa mensagem a seus mais distantes limites, exigindo da fé o máximo que ela poderia trazer: Uma mensagem de Elias, uma mensagem que começou na terra e terminou no céu. Qualquer coisa que desafiava essa mensagem de vitória e testemunho pessoal também questionava a própria missão da igreja.

Nisso jazia o perigo dos ensinamentos de Kellogg em 1903. “Essas doutrinas, seguidas até suas conclusões lógicas, varrem toda a economia Cristã”, a Sra. White advertiu: “Elas ensinam que as cenas justamente diante de nós não são de suficiente importância para que se lhes de atenção especial”. (*Special Testimonies, série B, nº 7, p. 37*). A igreja e o mundo estavam mergulhando numa profunda noite em direção a alguma coisa chamada o fim do tempo de graça, antes do qual cada indivíduo deveria ser examinado por Deus “com um escrutínio tão íntimo e penetrante como se não houvesse outro ser na Terra”. (*O Grande Conflito, p. 490*). Quando esse evento chegasse, o destino de todos seria eternamente decidido para a vida ou morte. Era um desafio impossível de se exagerar.

Os Adventistas, contudo, estavam sendo embalados por teorias agradáveis sobre a natureza de Deus, nas quais as tremendas verdades do santuário desapareciam de vista e o Shekinah se tornava nada mais do que o brilho do sol na primavera. Em seu desespero para advertir a igreja, alarmada pelo poder fascinante do erro, Ellen White buscou alguma maneira de ilustrar quão facilmente alguém poderia confundir o erro com a verdade, e ela recorreu a ilusão ótica de dois trilhos da estrada de ferro, confundindo-se na distância até parecerem ser um. “O trilho da verdade fica bem ao lado do trilho do erro, e ambos os trilhos podem parecer ser um para as mentes que não são operadas pelo Espírito Santo”. – *Carta 211, 1903*.

Então, vendo alguns dos melhores intelectos da igreja apanhados na armadilha, e levando outros para ela com a capacidade de eloquência que tinha sido uma vez devotada à mensagem Adventista, ela clamou em quase total desespero: “Minha alma fica grandemente perturbada quando vejo o desenvolvimento dos planos do tentador, que não posso expressar a agonia de minha mente. Precisa a igreja de Deus ficar sempre confundida pelos ardis do acusador, quando as advertências de Cristo são tão definidas e claras?” – *Special Testimonies, série B, nº 2, p. 23*.

Junto com a igreja que amava, Ellen White estava agora mergulhada numa crise tão grande que ficava em dúvida se poderia sobreviver a ela. O ano de 1904 se desvanecia rumo a 1905. Quatro preciosos anos haviam se passado, anos de paz e abundância, e a igreja que deveria ter anunciado sua mensagem ao mundo, lutava em vez disso contra ataques feitos às suas verdades mais fundamentais. Sua maior instituição oscilava na iminência de se perder. (*Seria realmente perdida apenas poucos meses mais tarde, em 1906*). O Espírito de Profecia estava sob um crescendo de ataques, tanto aberta quanto secretamente, por mentes capazes que eram mantidas, segundo os boatos, pelo dinheiro que entrava no Sanatório de Battle Creek. Mesmo o tabernáculo de Battle Creek, construído como dinheiro doado por membros fiéis e interessados cidadãos de Battle Creek, era objeto de uma luta por controle. E, nesse meio tempo, os erros estavam sendo oferecidos como uma nova luz, de uma forma tão sutil que confundiam tanto os es-

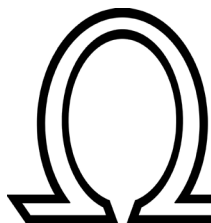
tudantes do colégio quanto os obreiros amadurecidos. Como um navio, a igreja estava agora se movendo através de um oceano traiçoeiro e nevoento, que Ellen White viu estar cheio de icebergs.

No Porto Arthur, o Almirante Heihachiro ordena a frota japonesa para a formação de batalha, solta seu alarido, e explode a frota Báltica Russa. A Rússia entrega o sul da Manchúria; o Japão, com seu poder invencível, ocupa a Coreia. O equilíbrio do poder na Ásia cai, e as coisas nunca mais serão as mesmas. Os eventos estão agora, num movimento que não cessará até que quase metade do mundo esteja fechado, por um tempo, para o evangelho.

Para a igreja, os desafios estão justamente começando.

É o tempo da segunda frente de ataque de Satanás.

É o tempo de Albion Fox Ballenger.



Cap. 4 – “Você é o Homem ...”

Em 16 de março de 1905, o Presidente Daniells, da Conferência Geral, escreveu para o Pastor William White, que então estava na Califórnia, a respeito de um problema perturbador. Um ministro, recentemente enviado para a Inglaterra como evangelista e superintendente da missão, havia começado a dizer algumas coisas estranhas sobre a doutrina do santuário – idéias semelhantes aquelas que tinham posto D. M. Canright fora da igreja dezoito anos antes. Aparentemente o evangelista estava atraindo uma quantidade significativa de adeptos; igrejas na Irlanda, País de Gales, norte da Inglaterra – em quase todo lugar que o homem tinha estado – estavam agora em tumulto. Em Birmingham e outros lugares, os ministros estavam tendo ““dificuldades sérias”” com “alguns irmãos de influência, sobre o assunto do santuário””. (*Carta de A. G. Daniells a W.C. White, 16 de março de 1905*). O Pastor W. Farnsworth, tentando desesperadamente consertar o estrago, estava quase fora de si, e tinha escrito para Daniells pedindo ajuda. Nas próprias palavras de Farnsworth, citadas por Daniells em sua carta para White:

““O irmão Ballenger chegou a uma condição de mente que me parece desqualificá-lo inteiramente para pregar a mensagem. Ele tem estudado muito o assunto do santuário ultimamente, e chegou a conclusão ... de que quando Ele (Cristo) ascendeu, foi imediatamente ao Lugar Santíssimo e que Seu ministério tem aí sido levado avante desde então. Ele toma textos tais como Hebreus 6:19 e as compara com vinte e cinco ou trinta expressões do mesmo caráter no Velho Testamento onde ele diz que em cada exemplo o termo “dentro do véu” significa o Lugar Santíssimo. ...

“Ele vê claramente que sua opinião não pode ser harmonizada com os testemunhos, ou pelo menos admite francamente que é totalmente incapaz de assim fazer, e mesmo em sua própria mente ... há uma diferença irreconciliável””. – *Idem*.

Assim o problema foi apresentado para o presidente da Conferência Geral por Farnsworth, um homem que tinha sido batizado no final do inverno em Washington, New Hampshire, num orifício de aproximadamente 60 cm perfurado através do lago de gelo, e que não tinha intenção alguma de se tornar confuso sobre alguma coisa tão fundamental como o santuário. E Daniells, tendo considerado isto e muito mais, estava escrevendo para o Pastor White, imaginando em voz alta como a denominação devia lidar com o

problema. “Estarei contente de tê-lo fora da Grã-Bretanha”, meditou, “mas o que podemos fazer com ele aqui é mais do que posso dizer no presente. ... Parece estranho que um homem que tem estado nesta mensagem toda sua vida se desvie em uma tal questão. O santuário é a coluna central de todo este movimento; remova isto, e tudo cai.

“Por acaso conheceis este irmão, e tendes algum conselho para dar?”

– *Idem.*

De fato, o Pastor White, bem como Ellen White, conheciam muito bem Albion Ballenger, com respeito a esse assunto. Ele era um homem simpático, com um vasto e abundante bigode e um carisma que podia levar muitas pessoas com ele, e esta não era sua primeira desventura em falsificar artigos básicos da fé. Poucos anos antes, enquanto era editor assistente da revista denominacional sobre liberdade religiosa, tinha amadurecido a ideia de que a igreja devia fazer-se mais simpática, deixando de dar ênfase a doutrinas distintivas tais como o Sábado. O resultado tinha sido uma visão que Ellen White recebeu enquanto estava em Salamanca, Nova York, e que ela finalmente revelou sob as mais impressionantes circunstâncias. (Ela tentou repetidamente relatar a visão, mas toda vez desaparecia de sua memória; somente mais tarde foi capaz de recontá-la – no mesmo dia em que Ballenger fez suas observações numa reunião de comissão). Ballenger tinha dado atenção à mensagem divina naquela ocasião, confessando em lágrimas que estivera errado. Mas agora um problema completamente novo estava fermentando, e ele foi trazido da Inglaterra enquanto os irmãos imaginavam o que, exatamente, fazer com ele.

Ellen White tinha pouca dúvida. Em meados de maio de 1905 ela assistiu a sessão da Conferência Geral em Takoma Park. Enquanto andava no saguão do dormitório do colégio, que servia como aposento dos hóspedes, ela eventualmente viu Ballenger, e tinha uma penetrante mensagem para transmitir. “Você é aquele que o Senhor apresentou diante de mim em Salamanca”, ela declarou, então prosseguiu dizendo algumas coisas que somente podemos deduzir através de seu diário. “E agora novamente nosso irmão Ballenger está apresentando teorias que não podem ser fundamentadas pela Palavra de Deus. ... Eu declaro no nome do Senhor que as mais perigosas heresias estão buscando encontrar entrada entre nós como um povo, e o Pastor Ballenger está fazendo espólio de sua própria alma. ...

“Suas teorias, as quais têm multidões de finas malhas, e precisam de tantas explicações, não são verdadeiras, e não devem ser trazidas para o rebanho de Deus. ... Deus proíbe seu modo de agir fazendo com que as sagradas Escrituras, ao você agrupar passagens a sua maneira, testemunhem e construam uma falsidade.

“Sejamos todos fiéis a verdade estabelecida do santuário”. – *Ellen G.*

A resposta de Ballenger foi encontrar-se com uma comissão de vinte e cinco líderes denominacionais, de onde resultou um documento que ele chamou “As Nove Teses”. As crenças adventistas com relação ao santuário estavam erradas em “quase todos os pontos fundamentais”, afirmou, e ele particularmente argumentou contra a aplicação do ministério do primeiro compartimento ao período após a ascensão de Cristo. (*A. F. Ballenger, “The Nine Theses”, pp, 1, 4*). Se se seguisse o raciocínio de Ballenger, a profecia dos 2.300 dias desmoronava, a mensagem de 1844 ia junto com ela, e o juízo investigativo repentinamente tornava-se um embaraço teológico do qual era preciso se livrar. Como A. G. Daniells colocou o assunto tão habilmente: “tudo desmorona”; e ninguém viu isso mais claramente do que Ellen White.

“Em linguagem clara e distinta digo àqueles que assistem a esta conferência que o irmão Ballenger tem permitido a sua mente receber e crer em erros ilusórios”, ela disse justamente poucos dias mais tarde. “Esta mensagem, se aceita, minaria os pilares de nossa fé”. E então referiu-se propositalmente ao capítulo sete de Mateus: “Acautelai-vos dos falsos profetas que se apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores”. – *Ellen G. White, Manuscrito 62, 1905.*

“Aqueles que tentam trazer teorias que removeriam os pilares de nossa fé concernente ao santuário ou à personalidade de Deus ou de Cristo, estão agindo como homens cegos”, ela continuou. “Eles estão buscando trazer incertezas, e colocar o povo de Deus desgovernado, sem uma âncora. ...

“Nosso Instrutor dirigiu palavras ao Pastor Ballenger: ‘Estás trazendo confusão e perplexidade por tuas interpretações das Escrituras. Pensas que te tem sido dada nova luz, mas tua luz se tornará trevas para aqueles que a receberem. ...

“‘Pare exatamente onde estás; pois Deus não te deu esta mensagem para levars ao povo’”. – *Idem.*

Há aqui um perigo muito maior do que a confusão de um homem sobre o que constitui basicamente o adventismo. Albion Ballenger era uma pessoa extremamente persuasiva, um homem agradável e de boa aparência que escrevia ocasionalmente poesia e que falava com tão calmante brandura que não crer nele parecia quase repudiar a própria percepção. Para muitas pessoas tudo isto parecia transmitir uma simples pergunta: Como poderia o pastor Ballenger estar errado?

Há reconhecidamente certo risco envolvido em demorar-se sobre os argumentos de um homem que a mensageira divina disse que cria em “erros ilusórios”, mas talvez por um breve momento esse risco é justificado para se obter uma ideia da capacidade persuasiva que os adventistas tiveram de

enfrentar em 1905. Escrevendo para a Sra. White, Ballenger insinuou que ele tinha de escolher entre crer nela ou na Bíblia, e finalizou como se segue:

“Quando estivermos lado a lado diante do grande trono branco; se o Mestre me perguntar por que ensinei que “dentro do véu” era o primeiro compartimento do santuário, que responderei? Devo dizer, ‘Porque a Irmã White, que afirmava estar comissionada a interpretar as Escrituras para mim, falou-me que esta era a verdadeira interpretação, e que se eu não a aceitasse e ensinasse eu permaneceria sob Tua condenação?’

“Oh, Irmã White, quem dera esta resposta pudesse ser agradável ao Senhor. Então eu me submeteria ao seu testemunho. Então a senhora voltaria a me dizer palavras de encorajamento. Então meus irmãos, com quem tenho mantido agradável troca de ideias, não mais me evitariam como a um leproso. Então eu apareceria outra vez na grande congregação, e choraríamos, oraríamos e louvaríamos juntos, como antes”. – *A. F. Ballenger, Cast Out for the Cross of Christ, p. 112.*

Ballenger era capaz de usar poderosamente palavras e emoções, e entender claramente que as pessoas apoiarão instintivamente o que se porta como vítima, às vezes mesmo em face de verdades religiosas. Isso em si mesmo era surpreendente, porque a mesma tática estava sendo usada por John Harvey Kellogg, que, após arrebatado da igreja o Sanatório de Battle Creek, podia ainda falar persuasivamente em se abaixar “com o rosto em terra e chorar” sobre as injustiças supostamente feitas a ele pelo Pastor Daniells e Willie White. Canright tinha também representado um pouco de martírio ao deixar a fé Adventista, e o uso de Ballenger da mesma técnica deveria logo ser evidente no título de seu livro *Cast Out For the Cross of Christ* (“Expulso por Causa da Cruz de Cristo”). De uma maneira interessante, os homens que deixaram a igreja por causa desse debate, geralmente seguiam o mesmo comportamento: prometiam solenemente não causar problemas para a igreja, somente para iniciar depois um intenso ataque ao Adventismo logo após abandoná-lo. Ballenger não seria diferente, e sua carta aparentemente dócil para Ellen White diz completamente o oposto quando colocada ao lado de alguma da estridente linguagem em *The Gathering Call*, um jornal no qual ele e seu irmão proclamavam material anti adventista, de sua sede, próxima a principal nova escola médica da denominação.

Mas isso poderia ser visto somente no futuro. Em 1905 os Adventistas individualmente não podiam saber quão longe Albion Ballenger iria, pois ele próprio provavelmente ainda não sabia; e nesse meio tempo havia mais do que apenas um perigo passageiro de que sua personalidade e seu dom da fala arrebatasse um número de pessoas bem intencionadas com ele. Por um lado, ele estava agindo cada vez mais como um zelote, um homem convencido de que tinha “nova luz” e que estava mais preocupado em espalhar suas opiniões do que com qualquer outra coisa, incluindo o bem estar da igreja

organizada. Por outro lado, tinha acumulado uma impressionante coleção de textos escriturísticos para defender suas opiniões, e se não se tivesse estudado as questões controversas pessoalmente, a massa de argumentos seria intimidante. O Pastor Ballenger já iludiu as mentes com sua enorme lista de textos”, Ellen White anotou em seu diário mais tarde em 1905. “Estes textos são verdadeiros, mas ele os tem colocado num lugar que não lhes pertence”. – *Ellen G. White, Manuscrito 145, 1905.*

“Temos tido de enfrentar muitos homens que têm vindo com exatamente tais interpretações”, ela acrescentou, “buscando estabelecer falsas teorias, e perturbado as mentes de muitos por sua presteza em falar, e por sua grande quantidade de textos, os quais tem aplicado mal para que se ajustem a suas próprias idéias. *É muito tarde na história desta terra para levantar alguma coisa nova*”. – *Idem, grifos acrescentados.*

Se esse tivesse sido o único perigo, a igreja teria tido muito no que pensar. Mas havia mais. Havia outro perigo, de amplitudes tão insuspeitáveis que poderia ser visto somente através de olhos que houvessem vislumbrado o mundo invisível. E agora Ellen White decerrou a cortina para dar a igreja a surpreendente visão do invisível: Em 1905, *a heresia estava sendo apresentada por mais do que homens; estava também sendo apresentada por anjos caídos.*

Para entender o que Ellen White estava prestes à contar à igreja, é preciso conhecer a realidade profunda e literal do mundo que ela amiúde experimentava e que fica além do domínio da vista mortal. Para ela, seres celestiais não eram mera abstração; eles eram uma realidade vista frequentemente, algumas vezes lutando intensamente pelo destino de uma alma humana. Eles viviam e cantavam e algumas vezes choravam, e vigiavam com o mais profundo interesse para ver se a igreja realmente viveria a mensagem do Advento. Eles vinham e iam continuamente da terra para o céu, apresentando um cartão dourado no portal celeste ao entrar no reino da luz. E havia outros anjos, dirigidos por uma compulsão para mal, de uma monstruosidade incompreensível a ordinários mortais, anjos malignos condenados à destruição e decididos a arrastar para baixo consigo até o último ser sobre a terra, se tivessem uma chance de assim fazer. Repetidas vezes Ellen White tinha despertado o povo de Deus para a realidade desta grande luta, para a necessidade de não fazer nada que desse às forças do mal alguma vantagem sobre a alma. “Se pudésseis ver os puros anjos com seus olhos brilhantes atentamente fixados em vós, vigiando para anotar como o cristão glorifica seu Mestre; ou se pudésseis observar o exultante e irônico triunfo dos anjos maus, ao traçarem cada caminho desonesto, e então mostrarem a Escritura sendo violada, e compararem vossa vida com esta Escritura que professais seguir mas da qual vos desviais, ficaríeis atônitos e alarmados por vós mesmos”, ela escreveu em 1868. (*Testimonies, vol. 2, p. 171*). Em 1899 ela descreveu um “grande conflito se processando

entre agências invisíveis, a controvérsia entre, anjos leais e desleais. Anjos maus estão constantemente em atividade, planejando sua linha de ataque. ... Oraí, meus irmãos, oraí como nunca orastes antes. Não estamos preparados para a vinda do Senhor”. – *Ellen G. White, Carta 201, 1899.*

O ano agora era 1905. John Harvey Kellogg estava em vias de deixar a igreja, levando consigo a maior instituição da mesma e a flor de suas mentes; Albion Ballenger estava proclamando “nova luz” sobre o santuário, deixando em seu rastro igrejas divididas e Adventistas não mais convictos sobre os pilares principais de sua fé. Em toda parte as forças do mal pareciam estar em marcha, tragando o território como um exército de saqueadores, e talvez uma alusão ao motivo disto possa ser encontrada no diário de Ellen White, escrito no último dia de Outubro: “Satanás está usando toda sua ciência ao jogar o jogo da vida por almas humanas. *Seus anjos estão misturados com os homens, e os estão instruindo nos mistérios da maldade. Estes anjos caídos arrastarão princípios tão falsos quanto possível, guiando almas aos caminhos do engano.* Estes anjos podem ser encontrados em todo o mundo, apresentando as coisas maravilhosas que logo aparecerão numa luz mais resolvida. Deus pede a Seu povo que obtenha uma compreensão do mistério da piedade”. – *Ellen G. White, Manuscrito 145, 1905, grifos acrescentados.*

Então era *isso*. Em adição aos inimigos humanos, Satanás estava convocando seres caídos do mundo das trevas. Inconscientemente, e em nome da nova verdade, seres humanos estavam se aliando aos poderes do mal e Ellen White descreveu o processo em termos calculados para dirigir o povo a suas Bíblias, e a seus joelhos: “Teorias falsas serão misturadas com cada fase da experiência, e defendidas com zelo satânico a fim de cativar a mente de toda a alma que não está arraigada e fundada em um conhecimento completo dos princípios sagrados da Palavra”. – *Ellen G. White, Manuscrito 94, 1903.*

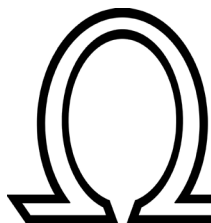
Aparentemente, poderosos mecanismos psicológicos seriam empregados, calculados para atrair as pessoas em direção ao carisma de personalidades humanas é assim fazer os novos ensinamentos tanto mais atraentes. “De nosso próprio meio surgem falsos mestres, dando ouvidos a espíritos enganadores cujas doutrinas são de origem satânica. Estes mestres arrastarão discípulos após si. Penetrando sem serem percebidos, eles usarão palavras lisonjeiras e farão hábeis embustes com tato sedutor”. (*Idem*). Pessoas seriam arrastadas num erro tão convincente que “tendo aceito a isca, parece impossível quebrar o encanto que Satanás lança sobre eles”. (*Carta de Ellen G. White para os irmãos Daniells e Prescott e seus associados, 30 de outubro de 1905, coleção de J. H. Tindall*). Aqueles que assim fossem enganados não teriam ideia de sua verdadeira condição; eles “protestariam contra a ideia de que estão enlaçados, e contudo esta é a verdade”. – *Idem.*

Em uma palavra, surpreendente! Era quase além de explicação. Pessoas que tinham desfrutado da maior luz religiosa na história estavam agora expostos ao perigo de erros que poderiam fazê-los cair na armadilha e eles nem mesmo saberiam disto. Por aproximadamente dois mil anos os cristãos tinham entoado sobriamente as advertências bíblicas sobre erros tão sutis que enganariam, se possível, os próprios escolhidos. Como Pedro, geração após geração de crentes tinham solenemente informado o Senhor de que isto podia acontecer a outros, mas nunca a eles – agora, contudo, isto estava ocorrendo, e Ellen White emitiu descrições verbais de uma grande apostasia: “Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho se extinguirão então em trevas. A palha, como uma nuvem, será levada pelo vento, mesmo de lugares onde vemos apenas campos de rico trigo”. – *Testimonies*, vol. 5, p. 81.

“O que, pergunto, pode ser o fim?” bradou ela em 30 de outubro de 1905. “Vez após vez tenho perguntado isto, e tenho sempre recebido a mesma instrução: nunca deixe uma alma sem ser advertida”. – *Carta de Ellen G. White para os irmãos Daniells e Prescott e seus associados, 30 de outubro de 1905, coleção de J. H. N. Tindall*.

“*Nunca deixe uma alma sem ser advertida*”. Em meio aos mais profundos desafios, a igreja devia lutar, nunca perdendo a oportunidade de transmitir a verdade para advertir cada última alma que permanecesse ainda o tempo suficiente para ouvir. Pois agora a guerra estava em intensidade mortal. A obra de Deus estava sendo desafiada por alguma coisa que Ellen White chamava o “alfa de heresias letais”. (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 200). Ela adicionou então um pensamento ulterior. Este não seria o último ataque desta natureza. Outro devia vir, outro ainda mais traiçoeiro para a obra de Deus.

O alfa havia chegado. O omega certamente viria. E disse Ellen White: “tremi pelo nosso povo”. – *Special Testimonies, série B, n° 2, p. 53*.



Cap. 5 – Ômega

“O que foi, é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1:9).

Tem-se dito que os que deixam de aprender da historia estão fadados a repetir seus erros. Para os adventistas do sétimo dia esta declaração é mais que um clichê. É uma certeza.

“Não vos enganeis; muitos se afastarão da fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios. Temos agora perante nós o alfa deste perigo. *O Ômega será de natureza mais assustadora*”. – **1 ME, p. 197.**

Esta declaração foi feita em julho de 1904, quando a denominação enfrentava um batalhão de problemas quase além da imaginação. A perda de sua maior instituição e o enfraquecimento da obra médica vital. Apostasia em larga escala entre alguns de seus homens mais influentes. Heresias tão sutis que suas implicações passavam sem serem reconhecidas mesmo pelos que as proclamavam. Manipulações legais que despejavam fortunas em algumas áreas enquanto o campo mundial lutava para sobreviver. E o iminente ataque de Ballenger, ferindo a própria base lógica do adventismo. Era um tempo em que se necessitava de todas as energias de cada membro fiel da igreja para manter o navio à tona, e contudo, em meio a crise, Ellen White tomou tempo para advertir a igreja sobre um perigo que ainda estava no futuro.

“No livro *Living Temple* acha-se apresentado o alfa de heresias letais. Seguir-se-á o ômega, *e será recebido por aqueles que não estiverem dispostos a atender à advertência dada por Deus*”. – **1 ME, p. 200.**

Ômega. Alguma outra coisa viria, suficientemente parecida com a crise então presente para justificar o encadeamento dos dois eventos por letras tiradas de um mesmo alfabeto. Além disso, a serva de Deus disse pouca coisa. Foi uma advertência enigmática, gritada de dentro do vendaval de uma crise devoradora quase como um aparte, uma dádiva para o futuro dada num momento quando ela quase não tinha tempo para nada exceto o presente. E contudo Ellen White deixou algumas pistas quanto ao que o ômega poderia envolver, e, pela urgência de sua advertência parece ser essencial que tentemos encaixá-las umas com as outras.

Do Espírito de Profecia podemos depreender com certeza pelo menos três coisas sobre o ômega. Não era uma parte da apostasia do alfa; ele iria se “seguir” mais tarde. Seria até mais letal que o alfa, um desafio tão terrível que Ellen White “tremeu” por nosso povo. E ele “será recebido por aqueles que não estiverem dispostos a atender a: advertência dada por Deus”. Em outras palavras, aqueles que escolhem seguir o conselho de Deus apenas quando convêm a suas preferências pessoais, aparentemente serão alvos fáceis de oportunidade para o engano do ômega.

Mas se investigarmos a escolha do simbolismo que Ellen White faz, parece haver até mais do que podemos decifrar. Em 1904 ela vê que algo terrível está acontecendo com a igreja. Portas que uma vez estavam abertas ao evangelho estão se fechando. Até as verdades mais básicas estão sendo questionadas de todas as formas. É uma experiência horrível que ela teme abertamente lhe possa custar a vida, e olhando para o futuro, ela vê que isso acontecerá novamente, próximo ao fim do tempo. De alguma forma o povo de Deus deve ser avisado, e a Sra. White tenta obter uma figura para descrever dois eventos separados pelo tempo más de natureza similar. Ao descrever a grande apostasia do futuro, ela não usa a letra seguinte ao alfa no alfabeto grego. Ela não adverte sobre uma apostasia “beta” ou “gama” ou mesmo “delta”. Ao invés disso ela salta bem adiante, para o fim do alfabeto, e escolhe um símbolo que Cristo usou em conexão com o fim. Alfa e ômega. As implicações são claras. Há dois eventos, separados mas similares. Um ocorre no fim do tempo. E, se se entende o primeiro, reconhecer-se-á o segundo.

De uma coisa podemos estar quase certos: o ômega atacará doutrinas básicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quase todas as grandes apostasias tem incluído uniformemente três áreas de ataque: o santuário, o juízo investigativo e o Espírito de Profecia – sempre em nome de grande bem para a igreja, disfarçadas em termos como *reforma*. “O inimigo das almas tem procurado introduzir a suposição de que uma grande reforma devia efetuar – se entre os Adventistas do Sétimo Dia, e que essa reforma consistiria em renunciar às doutrinas que se erguem como pilares de nossa fé, e empenharse num processo de reorganização”. (*Idem*, p. 204). Tal apostasia, advertiu ela, poderia ter efeitos devastadores, pois o Adventismo é um sistema de verdades altamente interrelacionadas; ataque uma, e as peças de dominó começam a tombar. Os “princípios da verdade”, nos quais a igreja remanescente, tem crido por longo tempo “seriam rejeitados”. Uma “nova organização” seria estabelecida. Seriam escritos livros de uma “ordem diferente”. Filosofia intelectual tomaria o lugar das verdades fundamentais da igreja. O sábado seria “menosprezado”. E o novo movimento seria liderado por homens agressivos que não permitiriam a “coisa alguma... opor-se”. – *Idem*, p. 204-5.

Era uma cena arrepiante. Sob a bandeira de “nova luz” poderosas forças procurariam moldar a igreja de Deus em alguma nova forma irreconhecível. Agiriam eles em nome de uma reforma, esquecendo que a reforma que a Bíblia requer é uma reforma de vida, não da doutrina estabelecida; esquecendo-se, também, da advertência de Ellen White de que a igreja não necessitava de nova luz tanto quanto de viver à altura da luz que já possuía. E no processo eles certamente introduziriam, dessa forma, profunda confusão sobre uma das questões mais básicas na igreja: Como devem viver os Adventistas?

Não há nada de sutil relacionado com o Adventismo. Ele não sussurra ao mundo, mas grita. Ele começa, segundo a imagem da Bíblia, com anjos, falando em alta voz do meio do céu. Ele termina com o mais poderoso terremoto da história. E tendo obtido a atenção do mundo, exhibe a lei de Deus e proclama que o juízo já começou. Há pouco lugar, numa religião assim, para padrões duplícies, para pregar uma coisa e fazer outra. O povo de Deus reclama estar vivendo no grande dia antitípico da expiação, com suas vidas sendo passadas em revista final perante Deus, e uma das maiores falhas concebíveis seria dar tal mensagem e viver como se ela não fosse verdadeira.

Não obstante, este é o resultado invariável de um ataque ao santuário ou ao juízo investigativo. O adventismo produz um problema inevitável para todo indivíduo que já tentou reescrever a verdade adventista. O santuário e a santificação estão relacionados de maneira indivisível. Ataque um, e causará dano também ao outro. Remova a verdade do santuário com sua poderosa mensagem de verdadeira reforma, e você se verá logo perdido numa confusão de termos teológicos, tentando explicar porque as obras são até necessárias. Ataque a santificação, e você não poderá descansar confortavelmente até que remova a persistente luz do santuário.

Há uma possibilidade de que também isto seja repetido como parte do ômega? Talvez. É um dos melhores esclarecimentos encontra-se no simbolismo usado pela mensageira de Deus. Lembre-se de que alfa e ômega são duas letras nos extremos opostos do mesmo alfabeto. Elas estão ligadas por algo em comum, não obstante estão voltadas para direções opostas. Há aqui um significado que se torna evidente com um pouco de reflexão.

Para captá-lo, tem-se de olhar em retrospecto para a teologia do alfa. Durante toda a sua vida Kellogg firmemente proclamou sua crença no Cristianismo. Superficialmente examinadas, mesmo as declarações que ele fez em sua última entrevista com os pastores do tabernáculo de Battle Creek soam como palavras de um cristão devoto. Não obstante, a teologia de Kellogg, levada até sua conclusão lógica, remove a necessidade de um Salvador. Deus, afirmava ele, estava em todas as coisas – no ar que respiramos (na forma do Espírito Santo), na luz do sol, até mesmo nos gramados que se estendiam fora de sua casa. Se Deus está em tudo, Ele deve estar também

no homem, e assim, todo ato humano se torna um ato de Deus. A Divindade se torna tão interna ao homem que o próprio pensamento de um Salvador externo se torna sem sentido.

Não há Salvador – não há nada fora do homem. Isto, levado a um extremo que nem Kellogg nem Waggoner jamais puderam perceber plenamente, é a mensagem fundamental do alfa. Agora segue-se o simbolismo lógico de duas letras, partilhando da mesma matéria de um alfabeto mas localizadas em extremos opostos. Se o alfa é um erro concernente ao papel de Cristo na salvação, e se ele aponta em certa direção no alfabeto grego, será possível que o ômega também interpretará mal a obra de Cristo apontando ao mesmo tempo em sentido oposto? Em outras palavras, há uma possibilidade de que o ômega de “heresias letais” tentará colocar Cristo totalmente *fora* do homem, introduzindo assim confusão sobre a santificação porque torna a salvação totalmente *externa*?

É uma questão que merece a mais séria reflexão. O papel e a obra de Cristo são as verdades centrais do Cristianismo. Fique confuso sobre a obra de Cristo, quer no santuário celestial ou na vida, e, como Daniells tão adequadamente o expressou, “tudo tomba”. Em 1904 pediu-se aos Adventistas que cressem numa nova doutrina que tornava a salvação completamente interna. Era um erro enormemente atraente, perfeitamente calculado para atrair as pessoas numa era de otimismo na qual todos, desde financistas até ministros, falavam sobre o avanço humano.

Mas que dizer de uma época posterior, na qual um mundo desiludido olha para trás através dos destroços de seu século e vê apenas guerras sem fim, grande depressão e luzes se apagando sob um céu impróprio para respirar? Que dizer dos adventistas, exaustos e desencorajados, maduros para algo que parece oferecer uma saída mais fácil do infundável desafio? A este grupo de pessoas o diabo jamais poderia esperar vender o imensurável otimismo do alfa. Mas ele podia fazer outra coisa. Em um mundo de cabeça para baixo ele podia virar o alfa de cabeça para baixo. Ele podia tomar o mesmo assunto e abordá-lo a partir do extremo oposto. Ele podia saltar para o fim do alfabeto e encontrar o ômega. E suas palavras, caindo sobre uma igreja cansada, poderiam soar como musica: “Relaxe; a obra está feita e o tem estado há séculos. Sua única tarefa é crer nisso”.

E de um golpe o enganador-mestre terra levado o Adventismo de volta no tempo a um ponto antes de seu início, apagando o movimento de Deus como alguma estranha distorção de tempo de ficção científica. Pois o dom singular do Adventismo para o mundo é seu senso de urgência, uma certeza de grandes eventos que requerem grande preparação. No próprio momento de seu nascimento o Adventismo produziu a mais esplêndida exibição de fé e obras desde o Pentecostes. Os crentes haviam levado a palavra *fé* além do mais vertiginoso pico que Lutero jamais sonhou atingir; eles não haviam

apenas crido em Cristo, mas haviam esperado vê-Lo, e a perspectiva de tal evento se tornou mais real para eles do que a vida na Terra. Logo, criam eles, contemplariam Sua face, viveriam com os anjos, testemunhariam para os mundos não caídos. Não se abordaria este tipo de perspectiva em descuidosa indiferença sobre sua qualidade de vida. “Estamos nos preparando para encontrar Aquele que, acompanhado por um séquito de anjos, deve aparecer nas nuvens do céu para dar aos fiéis e justos o toque final da imortalidade” (2 T, p. 355); havia escrito Ellen White, e suas palavras captam perfeitamente a urgência de 1844. Era um tempo solene, um exemplo do que é *realmente* crer que Jesus está voltando. Velhos erros foram consertados. “Muitos buscavam o Senhor com arrependimento e humilhação. Fixavam agora no céu as afeições que durante tanto tempo se haviam apegado, às coisas terrenas...

“As barreiras do orgulho e reserva foram varridas. Fizeram-se confissões sinceras e os membros da família trabalhavam pela salvação dos mais queridos e dos que mais perto se achavam. Frequentemente se ouvia a voz de fervorosa intercessão”. (*O Grande Conflito*, p. 368). E o resultado? Um poder para testemunhar depois disso imitado mas raras vezes alcançado: “Vastas multidões escutavam silenciosas e extasiadas, às solenes palavras. O céu e a Terra pareciam aproximar-se um do outro... Pessoa alguma que haja assistido àquelas reuniões jamais poderá esquecer-se dessas cenas do mais profundo interesse”. – *Idem*, p. 368-9.

Se a igreja de Deus houvesse continuado dessa maneira, não teria havido nada que ela não pudesse ter feito – o diabo tinha de arranjar uma forma de embotar essa mensagem. E pouco lhe importava se o povo de Deus errava pensando que a salvação era inteiramente interna, ou se renunciariam, finalmente, sob as nuvens do fim do tempo que se ajuntavam, confiando em algo que se disfarçasse como fé e terminasse como um fracasso. Para ele havia apenas uma necessidade: ele tinha de desviar o povo de Deus do plano divino.

Era uma situação notavelmente similar à que Israel enfrentou no Jordão. Quando obedientes a Deus, eles eram invencíveis. Não havia nenhum Rei Balaque que pudesse impedi-los, nem mesmo alugando um profeta que indefeso pronunciou bênçãos sobre a nação que fora subornado para amaldiçoar. *Contudo havia uma saída*. O povo de Deus podia ser conquistado se eles deixassem de *agir* como Seu povo. Balaão era impotente para amaldiçoar a Israel, mas ele ainda podia trazê-los a beira do desastre com um esquema sutil que os levasse para fora da proteção da lei de Deus. As bênçãos de Deus eram gratuitas, mas eles poderiam perder o direito a elas.

Assim com o Adventismo. A igreja de Deus estava agora perante o Jordão – o Jordão na primavera, na época de cheia, correndo para o Mar Morto, o símbolo de um mundo furioso pelo qual Seu povo teria de passar em sua jornada rumo ao lar. Não havia maneira humana de passar através daquele

furiioso rio, contudo eles podiam fazer a travessia – salvos sob a arca de Deus, que continha Sua lei. Esta era a mensagem singular do Adventismo. Grandes mudanças se aproximavam; o mundo se dirigia para seus eventos finais, e não havia nada mais importante que preparar-se. Nenhum grupo religioso na história moderna jamais fez os reclamos que fizeram os Adventistas: reclamos de novas e grandes compreensões sobre a própria estrutura do céu, onde Jesus estava julgando o mundo por uma norma chamada a Lei de Deus. Toda a razão de ser do Adventismo era encontrada nessa mensagem. Diante do mundo os crentes haviam elevado a arca e chegado às bordas do Jordão, e a mais inconcebível de todas as calamidades era a de que eles podiam de alguma forma, aqui na margem, tropeçar e deixá-la cair.

Esta era a questão, e  Satanas escolheu dirigir seus ataques sobre a igreja, justamente como Ellen White disse que ele faria. Os ataques contra o Adventismo sempre pareceram envolver suas doutrinas peculiares, atingindo as elevadas normas de Deus para Seu povo – ou dizendo que os requisitos eram desnecessários ou declarando-os inatingíveis. Aqui Canright havia naufragado, desafiando abertamente a lei, o sábado, a inspirao do Espírito de Profecia. John Kellogg, aproximando-se do mesmo recife, por outra direo, havia também soobrado na fé com idéias não demonstradas que eliminavam o juízo investigativo e colocavam o santuário de Deus dentro do corpo humano. Ballenger, Waggoner, Jones, McCoy, Conradi – todos seguiram rotas semelhantes, encalhando onde pensavam ter visto um canal desimpedido que levasse  verdade. E, ao assim fazerem, estariam inconscientemente demonstrando o papel das obras no Adventismo.

O comportamento dos que advogaram o alfa proporciona algumas elucidaes fascinantes quanto aos efeitos de falsas doutrinas e d alguns sinais extremamente úteis para reconhecê-las quando elas reaparecerem. O próprio Cristo disse que às vezes pode ser extremamente difícil detectar a heresia, em particular quando ela é habilmente adaptada para satisfazer  condio mental de sua época. No fim do tempo, apareceriam erros capazes de enganar os “próprios escolhidos”, uma profecia cumprida com triste precisão no alfa, que arrebatou a muitos da elite espiritual do Adventismo. Deus deu, assim, em Sua sabedoria, um segundo meio pelo qual podem ser detectados a verdade e o erro: frutos. O comportamento humano. *Os meios* pelo qual as pessoas saem promovendo as coisas que são importantes para elas. E o meio usado pelos “reformadores” de 1905 parecia uma lista de sinais de advertência dos quais se poderia esperar a verificao no engano final chamado omega. Encabeando a lista está a mesma tática que Lúcifer usou para dar a conhecer  humanidade o pesadelo do pecado. É chamada desonestidade.

“A disputa se tornará cada vez mais feroz” advertiu Ellen White em 1898. “Dispor-se-ão mentes contra mentes, planos contra planos, princípios de origem celeste contra princípios satnicos”. E então ela predisse as

táticas que alguns usariam. “Há homens que ensinam a verdade, mas que não estão aperfeiçoando seus caminhos diante de Deus, que *estão tentando dissimular sua apostasia, e encorajar uma alienação de Deus*”. – *Special Testimonies, serie A, n° 11, pp. 5, 6 (grifos acrescentados)*.

“De nosso próprio meio se levantarão falsos mestres, dando ouvidos a espíritos sedutores cujas doutrinas são de origem satânica. Estes mestres arrastarão discípulos após si. *Infiltrando-se sem serem notados*, usarão palavras jactanciosas e farão hábeis embustes com tato sedutor”. (*MS 94, 1903 (grifos acrescentados)*). Quase no mesmo fôlego ela disse que “falsas teorias estarão misturadas com cada fase da experiência e serão advogadas com *fervor satânico* a fim de cativar a mente de toda alma que não estiver arraigada e fundamentada no pleno conhecimento dos sagrados princípios da Palavra”. – *Idem*.

Estas predições haviam se cumprido tragicamente no caso do Dr. Kellogg e o círculo íntimo de seguidores que apoiavam suas manobras em Battle Creek. Foram postos em ação tramas secretos, que por certo tempo não foram conhecidos senão pelos conspiradores – e a mensageira do Senhor, que viu os encontros deles em visão naquela noite. Em 1905 seus planos estavam quase maduros; o Sanatório de Battle Creek permaneceria pouco tempo mais como instituição adventista, e Ellen White proclamou em alta voz um alarme a igreja. “Desejo fazer soar uma nota de advertência a nosso povo de perto e de longe. Os que estão na vanguarda da obra médica em Battle Creek estão fazendo um esforço para obter controle de uma propriedade que a vista das cortes celestes, não têm direito de controlar. ... *Está em andamento uma obra enganadora para obter; uma propriedade de maneira clandestina*. Isto é condenado pela lei de Deus. Não mencionarei nomes. Mas há médicos e ministros que tem sido influenciados pelo hipnotismo exercido pelo pai das mentiras. Apesar das advertências dadas, os sofismas de Satanás estão sendo aceitos agora da mesma forma como o foram nas cortes celestiais”. (*Special Testimonies, serie B, n° 7, p. 30 – grifos acrescentados*). Antes ela havia escrito uma carta comovente a seu filho, que enfrentava a fúria da apostasia de Michigan. “O médico está se esforçando para laçar firmemente as instituições médicas de acordo com suas palavras, *como Satanás trabalhou nas cortes celestiais para laçar os anjos, a quem induziu a se unirem a seu partido para trabalharem a fim de criar rebelião no céu*”. E então ela acrescentara: “Sinto muito por você, Willie. Desejo não estar em Battle Creek. Mas permaneça firme pela verdade”. – *Carta de EGW a W.C. White, 5 de agosto de 1903 (grifos acrescentados)*.

As mesmas táticas agora se espalhavam por outras áreas. Kellogg e seus colaboradores, desmascarados pela mensageira de Deus, voltaram seus ataques contra ela. Dúvidas sutis sobre a fidedignidade de suas mensagens foram muitas vezes lançadas por obreiros que por razões táticas ou de emprego fingiram estar dando seu apoio. (Kellogg podia manter as pessoas

encantadas ao inundá-las de histórias sobre como ele havia “preparado uma armadilha para a Irmã White”, e como os testemunhos dela para ele eram alimentados por informações falsas fornecidas por A.G. Daniells e “Willie chorão” White). Tudo isso Ellen White viu e descreveu com serena precisão. “Muito habilmente tem alguns trabalhado para tornar sem efeito os Testemunhos de advertência e reprovação que têm resistido a prova por meio século. Ao mesmo tempo, negam estar fazendo tal coisa”. – *Special Testimonies, série B, n° 7, p. 31 (grifos acrescentados)*.

Verdade. O artigo mais essencial do mundo. Nossa própria sobrevivência depende dela. Cada dia confiamos absolutamente em informações precisas sobre mesmo as coisas mais simples como a cor do sinal de trânsito ou a capacidade de carga de uma viga. Sem verdade não há segurança, quer num sentido físico ou espiritual. É o único canal pelo qual Deus Se comunica; *e a verdade estava sendo manipulada por homens que afirmavam ter uma mensagem de reforma para a igreja de Deus*, homens que não estavam sendo honestos nem mesmo sobre suas verdadeiras intenções.

“Antes do desenrolar dos recentes eventos, o procedimento que o Dr. Kellogg e seus associados seguiriam foi claramente delineado perante mim. Ele e outros planejavam como ganhar a simpatia do povo. *Eles procurariam dar a impressão de que criam em todos os pontos de nossa fé, e tinham confiança nos Testemunho. Assim muitos seriam enganados, e tomariam posição ao lado dos que se haviam apartado da fé*”. – *Carta 328 de Ellen G. White, 1906 (grifos acrescentados)*.

Tudo isto leva a outra característica do alfa, sobre a qual o povo de Deus no fim do tempo precisa ser especialmente advertido. Esta tática é a hábil manipulação de pessoas. Os líderes do alfa tinham se dedicado tanto a mudar a igreja que parecem ter decidido que os fins justificam os meios. Anunciaram planos deliberados de representarem ser fiéis adventistas que criam na verdade mas que possuíam nova luz que, se a Irmã White pudesse ter uma visão clara a respeito da mesma, ela própria a adotaria. Mesmo homens, como Dr. David Paulson, iludido durante algum tempo por Kellogg, pensavam honestamente que a nova teologia era apoiada pelos escritos de Ellen White, um erro que, advertiu ela, Kellogg estava tentando difundir a todo custo. Foi um engano executado de maneira magistral, e o resultado foi um núcleo de pessoas brilhantes e influentes que se agruparam em torno de um homem e um novo movimento, mesmo que isso significasse ter de deixar a igreja.

Isto tem uma profunda importância para as pessoas que estão atentas para identificar o ômega. As verdades de Deus são tão entrelaçadas, tão firmemente coerentes, que desviar-se delas quase sempre envolve um estímulo distrativo, como um indivíduo de personalidade carismática. Há uma poderosa tendência humana de seguir a liderança forte, especialmente se esse

líder irradia carisma. Nações inteiras – milhões de pessoas – têm feito exatamente isso, seguindo um homem até sombras profundas onde não penetra o sol. É uma ameaça a qual nem mesmo o povo de Deus está imune. Ellen White adverte que há uma classe de pessoas particularmente vulnerável a esta tática. “Há muitos que não aperfeiçoaram um caráter cristão; não tornaram a vida pura e imaculada através da santificação da verdade; e trarão suas imperfeições para dentro da igreja, e negarão sua fé, *adotando teorias estranhas, que promoverão como se fossem verdades*”. (**MS 145, 1905 (grifos acrescentados)**). (Há um ponto aqui que deve ser explorado um momento. Se um falso líder percebe isto, se compreende que as imperfeições na vida de seus seguidores os liga mais fortemente a ele e suas teorias, haverá uma poderosa motivação para que ele delineie uma teologia que deixe as pessoas confortáveis em seus erros).

“Idéias brilhantes, cintilantes, muitas vezes relampejam de uma mente que se acha influenciada pelo grande enganador. Os que escutam e aquiescem ficarão encantados, como ficou Eva pelas palavras da serpente. Eles não podem dar ouvidos a encantadoras especulações filosóficas, e conservar ao mesmo tempo clara na mente a palavra do Deus vivo”. – **1 ME, p. 197**.

Uma noite em 1904, antes de partir de Washington para Berrien Springs, Ellen White viu uma reunião em andamento em Battle Creek. “(Dr. Kellogg) estava falando, e ficou cheio de entusiasmo com respeito a seu tema. ... *Em sua apresentação ele. disfarçou um pouco o assunto*, mas em realidade estava apresentando ... teorias científicas que são semelhantes ao panteísmo.

“Após considerar o semblante satisfeito, interessado, dos ouvintes, Alguém que estava ao meu lado me disse que os anjos maus haviam dominado a mente do orador”. E Ellen White acrescentou que ficou “atônita ao ver com que entusiasmo eram recebidos os sofismas e teorias enganadoras”. – **Special Testimonies, série B, nº 6, p. 41**.

Havia perigo até em discutir tais assuntos com líderes do alfa, e isto novamente envolvia honestidade básica. “Quando ocupados em discussão sobre estas teorias, seus defensores tomarão as palavras faladas para se opor a elas, e farão com que elas pareçam significar justamente o oposto do que quem as falou queria dizer”. (**Idem, p. 42**). Em outras palavras, até falar com esses homens seria correr o risco de ter as próprias palavras citadas incorretamente, torcidas de forma a parecer que apoiassem as idéias de Kellogg. Assim os conspiradores do alfa podiam fazer parecer que multidões estavam “com eles”, e que seus seguidores eram em número muito maior do que eram na realidade. ... Um jogo mortal, com regras heterodoxas que os líderes de Deus não poderiam usar – um jogo que mexia com mentes humanas, como peões num tabuleiro de xadrez, e cujo prêmio para o vencedor seria, em última instância, o controle da igreja. Pode-se dizer uma coisa com certeza: o jogo do alfa era jogado com ardor e suas consequências seriam

eternas.

Para executar seus alvos persuasivos, Kellogg e seus seguidores usaram alguns mecanismos psicológicos fascinantes. As reuniões eram frequentemente realizadas a noite, e às vezes nas primeiras horas da manhã, quando os ouvintes estavam cansados e menos capazes de pensar por si próprios. “As longas entrevistas noturnas que o Dr. Kellogg realiza são um de seus mais eficazes meios de conseguir seu intento. Seu constante fluxo de palavras confunde a mente dos que ele está procurando influenciar. Ele expõe e cita palavras erroneamente, e coloca os que discutem com ele numa luz tão falsa que suas faculdades de discernimento ficam amortecidas. Ele cita as palavras destes dando-lhes um cunho que faz com que elas pareçam significar exatamente o oposto do que eles disseram”. (*Carta 259, 1904*). Ellen White escreveu a ele em angústia, lembrando-o de que essas mesmas táticas haviam antes sido usadas, e haviam causado a queda de um terço dos anjos do Céu. Lúcifer também havia usado habilmente a técnica de ir de anjo em anjo, arrancando deles declarações que ele então repetia a outros anjos, dando-lhes um falso sentido. Era uma tática assoladora que fazia com que ele parecesse ter mais apoio do que existia em realidade, enquanto ao mesmo tempo isto era usado para lançar descrédito sobre os que eram leais a Deus, enfraquecendo a credibilidade destes e, dessa forma, sua influência ao lado da verdade. Era uma tática contra a qual nem mesmo Deus tinha qualquer medida defensiva exceto o tempo – e a certeza de que um dia Lúcifer iria longe demais e cometeria uma asneira que removeresse o verniz superficial que encobria seu verdadeiro caráter.

A técnica do mexerico parece ter sido uma parte do alfa, e é um perigo contra o qual a igreja de Deus deve estar especialmente alerta. “Mesmo em nossos dias continuará a haver famílias inteiras que uma vez já se regozijaram na verdade, mas que perderão a fé por causa de calúnias e mentiras que lhes são trazidas com respeito àqueles que tem amado e com quem tem tido agradáveis trocas de idéias”. O erro deles estava em ouvir. “Eles abriram o coração à sementeira do joio; o joio brotou no meio do trigo ... e a preciosa verdade perdeu o poder para eles”. Por algum tempo, como ocorreu com Eva, a excursão deles nesse novo jogo de mexerico e falsa teologia trouxe um estranho senso de excitação: “Falso zelo acompanhou suas novas teorias, o que lhes endureceu o coração contra os defensores da verdade como ocorreu com os Judeus em relação a Cristo”. – *Special Testimonies, série A, nº 11, p. 9, 10*.

Portanto, o carisma, o uso hábil de inverdades sobre pessoas do lado do direito, e o apelo para seguir personalidades, foram todos grandes fatores na apostasia que arrebatou da igreja até mesmo homens que haviam uma vez dado a terceira mensagem angélica “em verdade”. Todo artifício foi empregado para atrair lealdade a um homem e suas idéias vistosas mas sem valor, e a técnica funcionou com impressionante sucesso. É uma ameaça quanto à

qual o povo de Deus deve estar vigiando com profunda atenção para assegurar que ela não volte a ocorrer. E para aqueles que se sentem atraídos pelo magnetismo de uma personalidade, que ficam intrigados com novas idéias que podem seduzir até mesmo pensadores de destaque, há uma advertência emitida em 1905: “Tenho receio dos homens que adentraram o estudo da ciência que Satanás introduziu na guerra no céu. ... Tendo eles aceito a isca, parece impossível quebrar o encanto que Satanás lança sobre eles”. – *Carta de Ellen G. White para os irmãos Daniells e Prescott e seus associados, 30 de outubro de 1905, coleção de J.H.N. Tindall.*

O ponto principal a ser lembrado é que a real questão era o controle da igreja. Se suficiente número de pessoas pudessem ser convertidas à nova teologia, se as igrejas pudessem enviar tais “conversos” as reuniões onde se realizavam eleições, se as instituições pudessem ficar abarrotadas de pessoas devotadas a causa do alfa, a igreja finalmente seguiria esse rumo, quer A. G. Daniells e Ellen G. White gostassem ou não. Há toda razão para crer, pelos escritos de Ellen White, que se estavam envidando esforços conscientes e bem estruturados a fim de subverter a própria organização da igreja. Note a escolha de palavras em uma advertência dada por ela em junho de 1905: “Devo advertir a todas as nossas igrejas a que se acautelem contra homens que estão sendo enviados para fazer a obra de espiões em nossas associações e igrejas – uma obra instigada pelo pai da mentira e do engano”. (*Special Testimonies, série A, nº 12, p. 9 – grifos acrescentados*). Ela advertiu alhures que “no campo têm havido muitos traidores disfarçados, e Cristo conhece cada um deles. Deus tem sido desonrado por súditos desleais. ... Aos que residem em Battle Creek, digo: Por amor a vossas almas, que todos quantos possam, se afastem da luta que aí se desenrola e de seus perigos”. – *Idem, série B, nº 7, p. 15.*

A “luta” e os “perigos” aos quais ela fez referências estavam se tornando acentuados em 1906. Já em 1902 membros da igreja haviam ameaçado processar a igreja para evitar a localização da Review & Herald Publishing Association novamente em Washington, D.C. Agora este espírito de luta e coerção veio novamente à tona. O grande tabernáculo de Battle Creek se tornou o ponto focal de uma disputa pelo controle; abriu-se um processo no tribunal de Michigan para evitar a transferência da propriedade da igreja para a associação Adventista local. Os membros leais da igreja finalmente venceram, mas somente depois de uma luta espetacular de dois anos. Até mesmo um jornal de Chicago anunciou sob manchetes na primeira página que a Igreja Adventista estava a ponto de se dividir “em duas”, e colocou a maior parte da culpa em Ellen White. Todo este triste caso serviu para ilustrar outro ponto da identidade do alfa: onde quer que ele fosse, surgiriam problemas.

O mesmo havia sido visto na apostasia de Ballenger. Informando das Ilhas Britânicas, o pastor Farnsworth havia dito que Ballenger “tem propa-

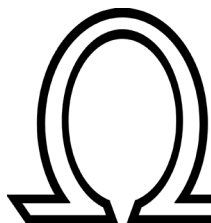
lado estas coisas em grau maior ou menor até que disse que o Irmão Hutchinson na Irlanda via o assunto da mesma forma que ele, como também um número significativo de irmãos leigos influentes. O irmão Meredith que está encarregado da obra no País de Gales disse que um bom número de irmãos leigos nesse país estava contrariado com este ponto de vista, e, no norte da Inglaterra o irmão Andross está tendo serias dificuldades na igreja de Birmingham e também em outros lugares, com alguns dos irmãos de influência, com respeito ao assunto do santuário. ... De algum modo esta negra nuvem de apostasia tornou as coisas difíceis para nós”’. (*Carta de A. G. Daniells para W. C. White, 16 de março de 1905*). E, em Battle Creek, Kellogg havia recentemente trabalhado por trás da cortina num esforço inútil, mas importante, a fim de remover do cargo a liderança da Conferência Geral. Havia um capricho determinado em tudo isto para mudar a igreja – se possível por um processo político, mas se necessário pela subversão – e a descrição de Ellen White á bem precisa: “Coisa alguma se permitiria opor-se ao novo movimento”. (*Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 205*). Havia uma estranha crueldade, que raras vezes (se é que alguma vez) fora vista antes, na qual amizades de longa data já não pareciam valer muito e a lealdade tradicional desapareceu misteriosamente. John Kellogg havia recebido ajuda financeira dos White durante toda a sua estada na escola de medicina: agora ele se voltava para seus velhos amigos com ataques mordazes. A. T. Jones e E. J. Waggoner, que haviam trabalhado e pregado com Ellen White, abandonaram as velhas amizades em favor da nova teologia. Mesmo Frank Belden, compositor de hinos adventistas e sobrinho da sra. White, tentou sem sucesso enganá-la para que emitisse um falso testemunho, e depois abriu um processo contra membros leais que estavam tentando proteger a propriedade da igreja. A toda parte que ia a nova teologia parecia haver problemas, trazidos por “línguas daninhas e mentes aguçadas, afiadas por longa prática em evadir-se à verdade”, que estavam “em contínua atividade para introduzir confusão, e a executar planos a que são instigados pelo inimigo”. – *Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 194, 195*.

Como vimos anteriormente, outra característica do alfa era a maneira pela qual ele tentava atingir os jovens da Igreja Adventista. Depois que foi impresso *The Living Temple*, Kellogg o enviou as associações locais e tentou alistar os jovens para sua distribuição e venda. Ele também reanimou o Colégio de Battle Creek, o que colocou muitos estudantes sob a instrução de seus mais brilhantes auxiliares. Tomando-os numa idade propícia a receber impressões, colocando-os no ambiente de uma sala de aulas na qual o instrutor tradicionalmente goza de alta credibilidade, esperava ele ganhar muitos adeptos dentre a nova geração da igreja. E assim os proponentes da nova teologia teriam uma forte segunda linha de ataque. Se não tivessem sucesso em impor seu ponto de vista sobre a igreja, precisavam somente aguardar, treinar pacientemente seus estudantes e então espalhá-los pelo campo mundial, de forma que a própria estrutura da obra organizada começaria a mudar

imperceptivelmente. E um dia os dissidentes teriam a influência e os votos, talvez, para tornar oficial a mudança. Em alguns aspectos, esta pode ter sido a mais perigosa de todas as táticas. E a esta altura, a sra. White estava preparada para colocar tudo, inclusive a própria vida, na linha de batalha. “Não permita Deus que uma só palavra de encorajamento seja proferida para chamar nossos jovens para um lugar onde serão corrompidos por falsas informações e mentiras referentes aos testemunhos, e à obra e caráter dos ministros de Deus.

“Minha mensagem se tornará cada vez mais aguda, como era a mensagem de João Batista, mesmo que isso me custe a vida. As pessoas não serão enganadas”. (*Special Testimonies, série B, n° 7, p. 34*). Faz-se às vezes a observação descortês de que Ellen White não se importava com as realidades que os jovens da igreja enfrentavam. Em 1904 ela estava pronta a *morrer* por eles.

Finalmente, os que estavam envolvidos na apostasia alfa tinham outro ponto em comum: eram opostos ao Espírito de Profecia. Os motivos disto não são difíceis de se entender; muitas de suas idéias preferidas estavam em frontal oposição a Ellen White. Sob o poder do Espírito de Deus seus planos ocultos foram muitas vezes trazidos à luz, suas reuniões presenciadas mesmo a grandes distâncias. Não tendo a verdade divina a seu lado, eles precisavam recorrer a algum substituto, e o recurso mais fácil parecia ser muitas vezes ataques pessoais à mensageira que Deus escolhera usar. Nada havia de novo nesta tática; pode ser vista desde o tempo de Cades-Barnéia, onde Israel – em plena vista da nuvem divina – censurou *Moisés* por trazê-los a uma difícil travessia do deserto. E o resultado, nesse tempo como mais tarde, sempre foi a separação das bênçãos de Deus.



Cap. 6 – “O Teste Sobrevirá a Toda Alma”

Era uma hora da manhã e Ellen White estava sentada, provavelmente usando uma prancheta ao colo como escrivadinha, escrevendo tão rápido quanto sua pena podia se mover sobre o papel. Em geral ela costumava se levantar antes do raiar do dia para fazer seu trabalho, mas esta manhã, apenas uma hora após a meia noite, ela sentiu uma urgência raras vezes experimentada antes. O povo de Deus rumava para uma grande sacudidura, uma grande colisão com o erro, na qual muitos perderiam o rumo, e ela se sentia compelida a lhes dar uma última advertência clara antes que isso acontecesse.

Tudo havia começado algum tempo antes, naquela noite, com um sonho vívido que ela interpretou como sendo uma mensagem divina, e a história é descrita melhor em suas próprias palavras:

“Pouco tempo depois de enviar os testemunhos acerca dos esforços do inimigo para solapar os alicerces de nossa fé mediante a disseminação de teorias sedutoras, lera eu um incidente acerca de um navio envolto em cerração, tendo a frente um iceberg. Por várias noites pouco dormi. Tinha a impressão de estar arcando sob um fardo, como um carro carregado de molhos. Uma noite foi-me apresentada claramente uma cena. Achava-se sobre as águas um navio, envolto em densa cerração. Súbito o vigia bradou: ‘Iceberg à frente!’ Ali, elevando-se muito mais alto que o navio, estava um gigantesco iceberg. Uma vos autorizada exclamou: ‘Enfrentai-o!’ Hão houve um momento de hesitação. Urgia ação rápida. O maquinista pôs todo o vapor, e o timoneiro dirigiu o navio diretamente para cima do iceberg. Com um estrondo o navio deu contra o gelo. Houve tremendo choque e o iceberg se desfez em muitos pedaços, despencando sobre o convés, com um ruído de trovão. ... Bem sabia eu o significado dessa representação. Eu tinha minhas ordens. Ouvira as palavras, como uma voz que viera de nosso Comandante: ‘Enfrentai-o!’ ... Nos próximos dias, trabalhei diuturnamente, preparando para nosso povo as instruções que me foram dadas acerca dos erros que se insinuavam em nosso meio”. – *Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 205, 206.*

Ellen White tinha ficado perplexa por algum tempo, sem saber o que fazer com as novas idéias espúrias que Kellogg estava tentando impor sobre a igreja. Para ela, o maior tesouro da Terra era a igreja de Deus. Esta errava muitas vezes; e ela amiúde emitia ferventes mensagens à liderança

da mesma, implorando por uma reforma. Não obstante, sua lealdade jamais vacilou. E agora parecia que o enfrentar um grande desafio poderia provocar uma divisão entre os membros da igreja, resultando em uma terrível perda de talentos, meios, e almas. Era uma decisão tremendamente difícil para ela tomar.

Por muitos meses havia ela aguardado, esperando que algo que ela dissesse pudesse tocar uma corda responsiva no coração de Kellogg e ainda poupá-lo para a causa. Mas havia um sinal divinamente apontado, pelo qual ela saberia quando o confronto não mais poderia ser adiado. Este seria “quando os líderes em Battle Creek fizessem um ataque aberto contra os Testemunhos” – quando o Espírito de Profecia fosse abertamente atacado. Então ela disse: “Irmãos, agora enfrentamos o problema. ‘Enfrentai-o’ com toda a força e poder de Deus”. Ingressou-se no debate; a igreja saiu para iniciar o ataque contra o inimigo, e nas palavras de Ellen White, tiradas da imagem de Gideão, “os cântaros foram quebrados, e a luz brilhou em claros raios”. – *Ellen G. White, Carta, 328, 1906.*

A idéia de uma grande crise, na qual se perdera membros para a causa, é uma parte incongruente, e contudo inevitável do Adventismo. Em alguma parte, em algum tempo, haverá um grande desafio que sacudirá a igreja. Nesta provação muitos se perderão, mesmo dentre pensadores preeminentes. “Não está muito distante o tempo em que o teste sobrevirá a toda alma. ... Muitas estrelas que temos admirado por seu brilho se extinguirão então em trevas. A palha, como uma nuvem, será levada pelo vento, mesmo de lugares onde vemos apenas campos de rico trigo”. (*Testimonies, vol. 5, p. 81*). E a questão que causará esta grande sublevação será falsa doutrina.

“Ao vir a sacudidura, *pela introdução de falsas teorias*, esses leitores superficiais não ancorados em parte alguma, são como areia movediça”. (*Test. para Ministros, p. 112*). A única esperança neste tempo é conhecer a vontade de Deus como se acha revelada em Sua Santa Palavra. “Aproximam-se rapidamente os dias em que haverá grande perplexidade e confusão. Satanás, vestido de roupagens angelicais, enganará, se possível, os próprios escolhidos. ... Soprará todo vento de doutrinas. ... Os que confiaram no intelecto, no gênio ou no talento, não estarão então à frente das fileiras. Não acompanharam o desenvolvimento da luz”. Ela então faz uma declaração repleta de implicações trágicas: “Poucos grandes homens estarão ocupados na última obra solene”. – *Testimonies, vol. 5, p. 80.*

Para que não escapem as implicações de tudo isto, reconheçamos o alcance da tragédia aqui descrita. Aparentemente algum engano extremamente poderoso passará pela igreja, arrebatando todos os que não estiverem firmemente fundados, não importando quão altamente educados são. O próprio Jesus advertiu contra erros, que se fosse possível, “enganariam os próprios escolhidos”. Paulo predisse o surgimento de “lobos vorazes”

e advertiu que “dentre vós mesmos se levantarão homens falando coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles”. Não são erros abertos, nem ataques frontais sobre a fé cristã que arrastam os homens para fora da verdade; é, antes, a mistura sutil da verdade com o erro, tão inteligentemente combinados que a única esperança de reconhecer isto é através da ajuda do Espírito Santo e o estudo diligente da verdade revelada de Deus. Será necessário negar até mesmo as realidades aparentes aos sentidos, e andar unicamente pela fé na luz que procede da Palavra de Deus.

Haverá um grande reavivamento, somos informados, justamente antes da visitação final dos juízos de Deus sobre a Terra. Sabendo disto de antemão, Satanás “esforçar-se-á para impedi-lo, introduzindo uma contra-faço. Nas igrejas que puder colocar sob seu poder sedutor, fará parecer que a benção especial de Deus foi derramada, manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, *quando a obra é de outro espírito*”. – **O Grande Conflito**, p. 464.

Por várias gerações temo-nos acostumado a assumir que tudo isto aconteceria principalmente fora da Igreja Adventista e que nós, seguros dentro do remanescente de Deus, assistiremos a isto em segurança, com interesse, mas sem envolvimento. E esta pressuposição pode nos deixar perplexos quanto a como os próprios escolhidos em nosso próprio meio podem estar ameaçados de cair no engano. Há a possibilidade de que tenhamos subestimado o inimigo, de que o mesmo engano de um falso reavivamento possa também se apresentar no seio do Adventismo, acompanhado por todas as armadilhas que apelam para os sentidos e por isso reclamam crédito? Se respondermos a esta pergunta negativamente, vemo-nos fortemente compelidos a explicar por que algumas de nossas “mais brilhantes luzes” se apagarão e se tornarão nossos mais formidáveis e pronunciados inimigos. Homens e mulheres não ficam assim *tão* irados com questões triviais de discussão dentro da igreja. Este nível de ira é demonstrado apenas quando as pessoas se convencem de que a igreja rejeitou alguma idéia que eles consideram uma verdade religiosa vital.

A sacudidura, portanto, que há muito esperamos e tememos, envolverá doutrinas e – se a história e a lógica estão corretas – provavelmente incluirá a rejeição, pela igreja, do que algumas pessoas crêem ser uma “nova luz” essencial. (Lembre-se de que Ellen White diz claramente que a sacudidura resultará da “introdução de falsas teorias”). Isto nos deixa com uma importante pergunta: O que será atacado?

É uma pergunta que se poderia pôr de lado como sendo puramente especulativa, exceto pelo fato de que já temos várias respostas. Primeiro, sabemos que o sábado será um ponto de doutrina controvertido no fim do tempo. Poderia ele se tornar um ponto de controvérsia mesmo dentro da igreja?

Antes de descartarmos isso como sendo impossível, devemos reconhecer que isso *já ocorreu*. Canright, após atacar a doutrina do santuário, voltou depois seus ataques para o sábado e a lei. Kellogg, enquanto a princípio professava crer na doutrina do sábado, gradualmente se distanciou dela num sentido funcional e laborou diligentemente para tirar o sanatório do plano de operação que observava o sábado. As recreações do sábado para os pacientes foram se tornando cada vez mais seculares. É importante compreender que o sábado pode ser atacado de muitas maneiras, algumas óbvias, outras profundamente sutis. E pode ser atacado indiretamente, ferindo o fundamento sobre o qual ele repousa. Este é encontrado, em última instância, na lei. Se adotamos uma teologia que inferioriza a lei de Deus – que diz, por exemplo, que é impossível observar seus preceitos – então teremos atacado os componentes da lei, um dos quais é o sábado. É nos dito que perto do fim do tempo alguns Adventistas serão obrigados a defender o motivo de sua observância do sábado perante tribunais. É difícil para o escritor, como advogado que é, imaginar que uma corte leve a sério um Adventista que pleiteia o direito de adorar no sábado mas que admite simultaneamente não ser capaz de guardar a lei na qual o sábado está baseado.

Em segundo lugar, sabemos com certeza que um dos principais ataques será contra o Espírito de Profecia. “O derradeiro engano de Satanás será anular o testemunho do Espírito de Deus”. (*Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 48*). Este é um fato inacreditável; é difícil imaginar pessoas rejeitando algo que lhes dá inestimáveis informações adiantadas sobre as táticas de um inimigo que lhes deseja roubar a vida eterna. Não obstante este é um paradoxo familiar, repetido tantas vezes quantas a história revela mensagens de Deus. É relativamente fácil ler os escritos de um profeta distante dois mil anos no passado, cuja linguagem não é o idioma de seus próprios dias, e cujas descrições do pecado podem não ser tão penosamente aplicáveis a você; é algo muito diferente aceitar com benevolência as palavras de alguém que fala a seu tempo hoje. Mas poucas coisas poderiam ser mais importantes do que a aceitação dessa mensagem.

Se a história nos ensina alguma coisa, o ômega provavelmente envolverá algum tipo de confusão sobre o papel das obras e a santificação. Sabemos que isto esteve quase sempre envolvido em apostasias passadas, quer por ataque teológico direto, quer pelo comportamento dos que advogavam uma mudança. Canright atacou abertamente a lei. Os que reclamavam possuir carne santa a atacavam de maneira disfarçada, afirmando crer enquanto condescendiam com todos os tipos de más ações praticadas em nome da santidade. A era de Kellogg viu notória imoralidade entre alguns crentes. Em qualquer ocasião em que os Adventistas direta ou indiretamente ficassem confusos quanto a suas responsabilidades na questão de comportamento, sempre se seguia grande dano. É por isso essencial que entendamos o que alguns descreveram como um paradoxo no Adventismo: o dever de des-

pendar esforço humano para que fosse possível usufruir de um evangelho que, afirmam muitos protestantes, é um dom gratuito de Deus que não deve requerer tal consumo de forças humanas.

É uma questão aparentemente complexa, que é notavelmente fácil de responder se se entende dois princípios de lei chamados condição precedente e condição subsequente. Condição precedente é aquela imposta sobre uma pessoa antes que ele ou ela receba a propriedade. Para receber o direito de posse, o indivíduo precisa *fazer* algum ato específico, após o qual a propriedade passa a pertencer a esta pessoa. Num sentido religioso, esta é uma contrafação do verdadeiro evangelho – e é a forma de religião mais comum conhecida ao homem. Todo paganismo tem raízes profundas nesse conceito; levado ao extremo, demanda sacrifícios humanos para deixar as pessoas no favor da divindade. No cristianismo, a única condição precedente é fé – uma fé tão completa que leva à entrega da vontade toda a um Deus amorável.

Condição subsequente é um tipo de regra aparentemente semelhante mas operacionalmente muito diferente. Aqui a propriedade é transferida diretamente, sem a exigência de qualquer ato prévio. Mas é, também, transferida sob condições – condições que funcionam após a transferência. Um homem pode transferir terras a seu vizinho, por exemplo, sob a condição de que nunca sejam usadas para a venda de bebidas alcoólicas; se o vizinho alguma vez quebrar esta condição, a terra reverte ao outorgante original. E este é um exemplo admirável, na lei humana, do mecanismo operativo do plano da salvação. O dom é livre; em nenhum sentido pode-se dizer que o novo possuidor o “mereceu”; contudo por seu abuso das condições sob as quais este foi concedido, ele pode se desqualificar para o local e assim incapacitar-se a continuar como proprietário.

O conceito do viver justo está indelevelmente impresso na estrutura do Adventismo. Os Adventistas, afinal de contas, reclamam ter a última mensagem de advertência para o mundo, uma mensagem que é dada com muito mais poder pelo comportamento do que por meras palavras. “Vós sois a Luz do mundo”, disse Cristo. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que *vejam as vossas boas obras* e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mat. 5:14, 16). Não há qualquer base lógica na teologia de Cristo para embaraços na questão de boas obras, ou para confusão quanto a se a pessoa é responsável pelos frutos ou pela vida santificada. Em Seu plano, o viver piedoso parece ser um dos principais meios de pregar a última mensagem de esperança da Terra.

Não obstante esta questão parece também emergir como um elemento chave na prova final da igreja de Deus, que os Adventistas vieram a conhecer como sacudidura. “Talvez digam alguns que esperar o favor de Deus por meio de nossas obras é exaltar os próprios méritos. Certamente não podemos comprar uma vitória sequer com nossas boas obras; *todavia nos é*

impossível ser vitoriosos sem elas. ... Em toda crise religiosa alguns caem sob a tentação. O peneiramento de Deus sacode fora multidões, como folhas secas”. (Testemunhos Seletos, vol. 1, p. 478). Cedo na experiência do Advento Ellen White já havia advertido que “enquanto Deus tiver uma igreja, ele terá aqueles que clamarão em alta voz, e não se deterão, que serão Seus instrumentos para reprovar o egoísmo e o pecado”, e ela viu que “levantar-se-iam indivíduos contra os claros testemunhos”. O resultado seria trágico mas inevitável. “A sacudidura deverá ocorrer logo para purificar a igreja”. – *Ellen G. White, Spiritual Gifts, vol. 2, p. 284.*

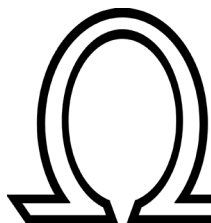
Estranhas palavras para uma mulher que iria despende toda uma existência tentando manter unida uma igreja que para ela significava mais que a própria vida. Tal tipo de provação parece estranha a uma igreja que tem sido condicionada a crer na importância da unidade. Foi difícil para Ellen White; será difícil para nós. Contudo mesmo o dom da unidade – como os outros dons de Deus aos homens – pode ser mal usado. Introduzir na igreja erros que irão destruí-la, e então protegê-los atrás do escudo da “unidade” é um problema ao qual Ellen White teve de se dirigir em 1904. “Devemos nos unir”, declarou ela, “mas não sobre uma plataforma de erros”. (*Carta de Ellen G. White ao Dr. W. H. Riley, 3 de agosto de 1904*). “Não devemos receber as palavras dos que vem com uma mensagem em contradição com os pontos especiais de nossa fé. Eles reúnem uma porção de passagens, e amontoam-nas como prova em torno das teorias que afirmam. Isto tem sido repetidamente feito durante os cinquenta anos passados”. – *Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 161.*

Para os Adventistas que desejavam evitar grande perigo, ela possuía conselhos alarmantes sobre as teorias que o Dr. Kellogg promovia, os quais ela própria teve de empregar finalmente no caso desse médico; nem mesmo discuta com os que, após a igreja tomar uma posição oficial, persistiram em seguir seu próprio curso. “No tempo da Conferência Geral em Oakland, fui proibida pelo Senhor de entreter qualquer conversação com o Dr. Kellogg. Durante esta reunião foi-me apresentada uma cena, que retratava os anjos maus conversando com este médico. ... Ele parecia impotente para escapar do laço”. (*Carta de Ellen G. White para S. N. Haskell, 28 de novembro de 1903*). Em 1907 ela escreveu uma carta para ser lida em Oakland, Battle Creek, Chicago, e outras igrejas grandes: “Há um espírito de perversidade em operação na igreja, que está tentando se valer de todo ensejo para anular a lei de Deus. ... Em nossa obra agora não nos cabe a responsabilidade de trabalhar por aqueles que, embora possuindo abundante luz e evidência, ainda continuam do lado dos que optaram pela incredulidade”. (*Ellen G. White, Manuscrito 125, 1907*). Discutir estes assuntos com os que se entregaram ao erro era correr o risco de ter as próprias palavras distorcidas, advertiu ela, e ela bradou contra os que “podem colher declarações de meus escritos que por acaso os agrada, e que concordam com seu julgamento humano, e, ao

separar estas declarações de seu contexto e colocá-las ao lado de raciocínios humanos, fazem parecer com que meus escritos aprovelem as próprias coisas que condenam”. – *Carta de Ellen G. White a G. C. Tenney, 29 de junho de 1906.*

E ela fez advertências especiais quanto a ter essas pessoas envolvidas em escolas Adventistas. “Qualquer homem que procura apresentar teorias que nos desviariam da luz que nos veio sobre a ministração no santuário celestial, não deve ser aceito como professor”. – *Ellen G. White, Manuscrito 125, 1907.*

E assim, as ordens que estão de pé para a igreja são claras, transmitidas como um legado dos pioneiros que enfrentaram anteriormente uma crise, e que, a todo custo para si mesmos, estabeleceram as demarcações, assegurando nesse processo a preservação, para nossa geração, de uma arca segura chamada a Igreja Adventista do Sétimo Dia.



Cap. 7 – Nove Pontos Salientes

Temos visto algo chamado de a apostasia do alfa que passou sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia na virada do século. Vimo-la embotar os esforços da igreja no momento exato em que Deus parecia ter aberto o mundo ao evangelho. E ouvimos a advertência de que algo ainda mais perigoso viria algum dia. Por esta razão é de importância vital que analisemos o que aconteceu anteriormente e procuremos reconhecer os sinais que podem anunciar a aproximação da última grande apostasia. Estão aqui, em resumo, os pontos importantes.

1. Engano: Uma das principais características do alfa foi o embuste. Algumas vezes foram contadas abertas mentiras. Algumas vezes foi dada apenas parte da verdade, e dessa forma se podia fazer com que até mesmo a verdade desse falsas impressões. Uma vez Ellen White escreveu ao Dr. Kellogg aconselhando-o sobre um grande edifício em Chicago. Muitas vezes ele citava esse testemunho como prova de que Ellen White estava em erro; nenhum edifício assim jamais existiu, ele asseverava de modo convencido, e a irmã White tinha simplesmente se enganado. O que o Dr. Kellogg não se importou em acrescentar foi que seu pessoal em Battle Creek tinha detalhadamente *planejado* construí-lo, prosseguindo até ao ponto de ter uma série completa de desenhos dos planos arquitetônicos, antes do projeto ser suspenso.

A sra. White advertiu em particular que algumas pessoas seriam desonestas sobre sua crença no Espírito de Profecia e nas doutrinas básicas da igreja. Ela viu em visão grupos de pessoas em Battle Creek trocando idéias e especificamente planejando ocultar seu antagonismo aos escritos dela e a certas doutrinas fundamentais. Ocultando, dessa forma, seus verdadeiros sentimentos, criam eles que podiam mais eficazmente atrair os Adventistas que eram basicamente leais à igreja e que jamais os ouviriam se descobrissem totalmente suas intenções desde o início. Repetidas vezes no alfa encontra-se a verdade sendo torcida em favor de algum objetivo imediato. Talvez Ellen White o tenha descrito com mais exatidão: “Línguas daninhas e mentes aguçadas, afiadas por longa prática em evadir-se à verdade, estão em contínua atividade para introduzir confusão”. – *Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 195.*

No alfa, esta técnica também se apresentava no uso errôneo de textos bíblicos e trechos do Espírito de Profecia. Em 1905 os Adventistas foram avisados com respeito a pessoas que “reúnem uma porção de passagens, e amontoam-na como prova em torno das teorias que afirmam... E se bem que as Escrituras sejam Palavra de Deus e devam ser respeitadas, sua aplicação, uma vez que mova uma coluna do fundamento sustentado por Deus estes cinquenta anos, constitui grande erro”. – *Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 161*.

Ainda mais vívida é uma advertência que ela deu sobre futuro abuso de seus próprios escritos. “Ver-se-á que estes que proclamam mensagens falsas não terão um alto senso de honra e integridade. *Enganarão o povo, e porão de mistura com o erro os Testemunhos da irmã White, servindo-se de seu nome para dar influência a sua obra. Escolhem dos Testemunhos certos trechos que acham que podem ser torcidos de modo a apoiar sua atitude e põe-nos numa moldura de falsidade, para que o seu erro tenha peso e seja aceito pelo povo*”. – *Test. para Ministros, p. 42, (grifos acrescentados)*.

Curiosamente, aqueles que se aplicam ao mau uso da verdade podem acreditar que estão absolutamente certos, e agir com uma convicção impressionante. Tal foi o caso com Dr. Kellogg, e a sra. White advertiu a liderança da Conferência Geral a não deixá-lo “iludir-vos com suas declarações. Algumas podem ser verdadeiras; outras não o são. Ele pode supor que todas as suas asserções são verdadeiras; mas nem deveis pensar que elas são, nem encorajá-lo a crer que ele está certo”. – *Ellen G. White, carta 138, 1902*.

2. Divisão: O alfa revelou o paradoxo de homens reclamando alguma nova e maravilhosa verdade enquanto ao mesmo tempo dividia a igreja onde quer que suas idéias fossem divulgadas. As fronteiras nacionais pareciam não ter qualquer efeito sobre esse fenômeno divisório. O tabernáculo de Battle Creek degenerou-se em tumulto. Igrejas na Inglaterra, Escócia e País de Gales também experimentaram abalo quando foram promulgadas teorias discrepantes das crenças adventistas. Sabiamente, Cristo dera a Sua igreja o teste do comportamento, pelo qual pode ser testada a veracidade ou falsidade de uma nova doutrina. No caso de elementos dissidentes reaparecerem no adventismo, a história sugere que nosso povo deve ser particularmente cauteloso.

3. Ataque a doutrinas fundamentais: Todas as grandes apostasias partilharam da mesma base de ataque às crenças Adventistas mais básicas, entre as quais estão o santuário, o juízo investigativo, e a inspiração do Espírito de Profecia. Na virada do século Ellen White pôde recordar que nos cinquenta anos passados haviam-se feito esforços significativos para subverter as verdades fundamentais da igreja, particularmente as da doutrina do santuário. É fascinante para o estudante da história assistir a esse ataque particular tornando a se suceder periodicamente, cada vez com novo fervor, como se tivesse sido descoberto pela primeira vez. Repetidamente

os defensores de mudanças usam o argumento de que mesmo Ellen White recomendou a acolhida de nova luz. Raramente acrescentam as *condições* sob as quais ela recomendou isso: troca de idéias com irmãos experientes, e se a igreja organizada não vê valor na ideia, seja abandonada. E em hipótese alguma a “nova luz” obliterará verdades fundamentais há muito estabelecidas. “Levan-tar-se-ão homens e mulheres professando ter alguma nova luz ou nova revelação, cuja tendência e enfraquecer a fé nos antigos marcos. ... Circularão falsas notícias, e alguns serão apanhados nesta armadilha. Acreditarão nesses boatos, e, por sua vez, repeti-los-ão. ... Por esse meio muitas almas se inclinarão para a direção errada”. (*Counsels to Writers and Editors*, pp. 49, 50). Em outra parte ela inclui a verdade do santuário, as três mensagens angélicas, o sábado e o estado dos mortos como doutrinas que constituem os marcos, e adverte que Satanás tentaria convencer o povo de Deus de que elas necessitavam ser mudadas – algo a que eles deveriam resistir “com o mais decidido zelo”. – *Idem*, p. 31.

4. Ataques secretos à estrutura da igreja: Uma das mais surpreendentes acusações já feitas por Ellen White foi a de que havia “espiões” em operação, procurando subverter até a estrutura básica da igreja. (*Ellen G. White, manuscrito 79, 1905*). Delinearam-se planos conscientes para ganhar controle das principais instituições. Até associações foram ameaçadas por esta tática, disse ela. Em visões ela presenciou reuniões secretas nas quais certos homens planejavam qual a melhor forma de assumir o controle, ganhar as simpatias do povo, e alterar a estrutura da igreja, e ela descreveu uma conspiração na qual os homens estavam “coligados para se apoiarem mutuamente”. (*Carta de Ellen G. White para G. C. Tenney, 29 de junho de 1906*). É de se esperar, mas seria ingênuo assumir, que tal ameaça não será novamente enfrentada. É uma ameaça especialmente letal à obra de Deus porque age silenciosamente, espalhando-se por baixo da superfície de uma aparente calma até que seja tarde demais. Se se procura por indícios do ômega, este é um fator que não pode ser ignorado sem perigo. E há sinais que a história nos diz que devemos procurar. Disputas políticas dentro de uma igreja ou associação, como aconteceu em Battle Creek. Evidências de movimentos bem organizados em reuniões de comissão ou distrito, advogando idéias contrárias às posições da igreja. Ataques generalizados contra os que estimulam à lealdade para com a igreja organizada e seus ensinamentos. Manipulação de fundos de instituições. (Um famoso livro que atacava o Espírito de Profecia proveio do Sanatório de Battle Creek, escrito por membros de seu corpo médico; o financiamento deste projeto ocorreu sob as mais misteriosas circunstâncias). E talvez o mais desalentador sinal de todos, prontamente visível no alfa: pastores, ainda empregados pela igreja, que podem professar lealdade mas cujas ações tendem a apoiar movimentos contrários a igreja. Todos são sinais visíveis de algo muito maior. Numa espetacular visão em 1904 Ellen White viu a igreja, simbolizada como um navio, rumando em direção a um iceberg. Apenas a ponta do iceberg podia ser avistada, mas isso

revelava um perigo extremamente fatal abaixo da superfície. A instrução divina foi para: “enfrentá-lo” – atingi-lo frontalmente. Haveria uma colisão que abalaria até os ossos; todos a bordo seriam sacudidos, *mas o navio permanecerá à tona*. Se se atinge o obstáculo apenas de resvalo, isso apenas abrirá um talho pelo qual a água do mar invadirá incontrolavelmente. (Em apenas oito anos esta mesma ilustração seria vividamente demonstrada na experiência do “insubmergível” *Titanic*). A lição neste símbolo é clara como cristal: muitos dos perigos que a igreja irá enfrentar estão escondidos abaixo da superfície, revelados apenas por uns poucos indícios que são somente a ponta de um iceberg maior. Estas são as mais letais de todas as ameaças, e na visão de Ellen White elas foram enfrentadas atingindo-se o obstáculo frontalmente, com toda a força que a igreja podia reunir.

5. Esforços especiais para a juventude: John Harvey Kellogg escreveu um livro no qual promovia idéias que poderiam “varrer toda a economia cristã”. (*Special Testimonies, série B, nº 7, p. 37*). Ele insistiu em publicá-lo após Ellen White ter advertido contra as sutilezas do panteísmo, após a Conferência Geral ter votado contra o projeto, após a *Review and Herald* se ter queimado até os fundamentos. Após a publicação ele imediatamente atraiu os jovens da igreja, buscando-os como aliados na distribuição de sua nova teologia. Fez-se todo esforço para atingir a juventude, incluindo a reabertura do Colégio de Battle Creek contra o conselho divino, a preparação de brochuras especiais destinadas para as mentes jovens, e o envio de representantes que recrutaram ativamente os jovens para a aventura de Battle Creek. Se ele tivesse tido sucesso, a história da Igreja Adventista poderia ter sido diferente. A atração que a “nova luz” espúria exerce sobre os jovens é uma ameaça especial contra a qual devem se guardar os modernos Adventistas, e para a qual devem estar atentos pais e mães após reler o conselho de Ellen White para os pais de 1906.

“Pais, mantende vossos filhos longe de Battle Creek. ... Heresias especiosas têm-se apoderado das mentes, e suas fibras se tecem tomando a forma do contorno individual. Quem é responsável por dar aos moços e moças uma educação que deixa uma influência sedutora sobre suas mentes? Um pai escreve que de seus dois filhos que foram enviados a Battle Creek, um agora é um infiel e o outro renunciou à verdade.

“Cartas como estas têm chegado de pessoas diferentes. Foi-me confiada uma advertência a ser dada aos pais: Se vossos filhos estão em Battle Creek, chamai-os de volta sem demora”. – *Ellen G. White, manuscrito 20, 1906*.

Qual era uma das principais causas desta crise para os jovens em Battle Creek? A atitude, expressa por figuras de destaque de lá, de que as mensagens especiais de Deus a Igreja Adventista não eram dignas de confiança.

6. Ataques especiais ao Espírito de Profecia: Poucos elementos da igreja atraem tanto furor durante uma apostasia como o Espírito de Profecia. “O derradeiro engano de Satanás será anular o testemunho do Espírito de Deus. ... Satanás operara habilmente de várias maneiras e por diferentes instrumentalidades, para perturbar a confiança do povo remanescente de Deus no verdadeiro testemunho”. (*Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 48*). Após um pouco de reflexão torna-se aparente o porquê de isto ser assim. O engano no fim dos tempos extremamente poderoso e sutil, e é dada a promessa de que “todos os que crerem que o Senhor tem falado através da irmã White, e lhe tem dado uma mensagem, estarão a salvo dos muitos enganos que sobrevirão nestes últimos dias”. (*Ellen G. White, carta 50, 1906*). Seria surpreendente se o poder satânico não fosse dirigido contra este auxílio especial com que conta o povo de Deus. Lamentavelmente, ele ganha alguns de seus mais fortes aliados nos Adventistas que se apartam da fé em busca de algo novo, e que haviam se condicionado a fazer isto ao rejeitar de início a verdade que Deus havia deixado em seu caminho.

“Muito habilmente tem alguns trabalhado para tornar sem efeito os Testemunhos de advertência e reprovação que têm resistido à prova por meio século. Ao mesmo tempo, eles negam estar fazendo tal coisa”. (*Special Testimonies, série B, nº 7, p. 31*). Eis aqui descrito um paradoxo. As pessoas estão astutamente destruindo a eficácia do Espírito de Profecia ao passo que superficialmente reclamam crer nele. Note que há uma diferença entre oposição franca, aberta, e subterfúgios sutis que tornam as mensagens especiais de Deus “sem efeito”. Podemos estar virtualmente certos de que ataques ao Espírito de Profecia, tanto direta quanto indiretamente, farão parte da apostasia ômega do fim do tempo. Este é, afinal de contas, o “derradeiro engano de Satanás”.

Aqui jaz um grande potencial para um desastre entre o povo de Deus, pois as mensagens para esta igreja se colocam como uma barreira entre o seu povo e muitos perigos. “Uma coisa é certa: os Adventistas do Sétimo Dia que tomarem sua posição sob o estandarte de Satanás, primeiramente renunciarão à sua fé nas advertências e reprovações contidas nos Testemunhos do Espírito; de Deus”. – *Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 84*.

Mas é um ataque que verdadeiramente podemos esperar ver. “Será atado contra os testemunhos um ódio satânico. ... Satanás não pode achar caminho tão fácil para introduzir seus enganos e prender almas em seus embustes se as advertências e repreensões e conselhos do Espírito de Profecia forem atendidos”. – *Idem, vol. 1, p. 48*.

7. Uma atmosfera de ataque pessoal: Repetidamente no alfa se vê coerção autoritária da parte dos que advogam novos ensinamentos. Oposição a suas idéias parece ter evocado uma reação muito pessoal, à qual eles responde-

ram com ataques pessoais. Ao descrever este aspecto singular da apostasia, a sra. White disse que “coisa alguma se permitiria opor-se ao novo movimento”. (*Idem*, p. 205). Isto é confirmado quando recordamos o incidente em que o líder da Conferência Geral foi ameaçado por um jovem obreiro que apoiava a nova teologia. Esse cavalheiro avisou que se o pastor Daniells não tomasse o lado deles, iria ser expulso do cargo e “seria reduzido a pó”. Muitos, inclusive Kellogg e Ballenger, atacaram Ellen White. Oposição ao alfa parecia ser um sinal para ataque contra qualquer pessoa, inclusive contra os níveis mais altos da liderança da igreja que se opusessem a ele. Este também é um tipo de comportamento para o qual os Adventistas devem estar vigilantes ao o ômega se aproximar.

8. Ataque aos padrões da igreja: Os ideais da Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre foram altos, uma mensagem dada ao mundo através de um modo de vida, mensagem de que a humanidade logo se encontrará diante de um Deus justo. Frequentemente têm sido atacados esses padrões por pessoas que afirmam que os Adventistas são legalistas tentando ganhar entrada no céu pelas obras. Quando esta acusação vem de fora da igreja, a maioria dentre o povo de Deus é capaz de reconhecê-la pelo que ela é. Mas qual seria o efeito deste ataque se ele viesse alguma vez de *dentro* da igreja? O Espírito de Profecia tem uma solene resposta, *dada nas próprias palavras de Lúcifer ao ele trocar idéias com seus anjos caídos sobre qual a melhor forma de destruir a Igreja Adventista do Sétimo Dia:*

“Por meio daqueles que tem uma forma de piedade, mas não lhe conhecem o poder, podemos ganhar muitos que de outra maneira nos causariam grande mal. Os mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus, serão os nossos mais eficientes auxiliares. Os que pertencem a essa classe, e forem mais aptos e inteligentes, servirão de chamariz para atrair outros para as nossas ciladas. Muitos não lhes temerão a influência, porque professam a mesma fé. Levá-los-emos então a concluir que as reivindicações de Cristo são menos estritas, do que uma vez creram, e que pela conformação com o mundo exercerão maior influência sobre os mundanos. Assim se separarão de Cristo, então não terão forças para resistir ao nosso poder, e dentro de pouco tempo estarão prontos ridicularizar o seu antigo zelo e devoção”. – *Testemunhos para Ministros*, p. 478.

9. O afirmar ter uma mensagem de reforma para a igreja: Há um terrível perigo em se identificar mal este ponto, pois a Bíblia e o Espírito de Profecia indicam claramente que haverá reforma na igreja de Deus; o problema é identificar o que é verdadeiro e separá-lo do falso. Felizmente há uma resposta.

“O inimigo das almas tem procurado introduzir a suposição de que uma grande reforma devia efetuar-se entre os Adventistas do Sétimo Dia, e que essa reforma consistiria em renunciar às doutrinas que se erguem como

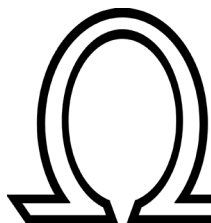
pilares de nossa fé. (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 204). O teste, portanto, parece ser se a “reforma” concorda com a verdade estabelecida (e nesse caso o que importa é a verdadeira reforma, a reforma da *vida*) ou se incita ao abandono das antigas verdades em favor de algo novo (e nesse caso trata-se de uma reforma espúria de *doutrinas* em vez da vida). Pode ser que isto seja um perigo contra o qual os Adventistas devam se guardar especialmente. Eles são um povo com a mente voltada para a reforma; toda a sua mensagem conclama a uma reforma. E, portanto, se o inimigo chega a eles através dessa avenida, há uma possibilidade de eles serem mais facilmente enganados, simplesmente porque o “objetivo” da nova doutrina parece ser algo que todos sempre desejaram. O teste discriminatório é simples: o novo ensino conclama a uma reforma de vida, ou à mudança da verdade estabelecida?

“Satanás tem tomado toda a medida possível para que nada venha entre nós, como um povo, para nos reprovar e censurar e exortar-nos a abandonar nossos erros”, escreveu Ellen White, descrevendo a necessidade de uma verdadeira reforma. “Mas há um povo que levará a arca de Deus. Dentre nós sairão alguns que não mais levarão a arca. Mas estes não podem fazer muralhas para obstruir a verdade, pois esta prosseguirá avante e para cima até o fim”. – *Testemunhos para Ministros*, p. 411.

E aqui repousa a esperança da igreja de Deus, mesmo durante os poderosos desafios do ômega. Em nenhuma parte se assegura que a vitória é *fácil*; repetidamente é dada a certeza de que a vitória é *possível*. “Aqueles que estão em harmonia com Deus, e que através da fé nEle recebem forças para resistir ao que é errado e permanecer em defesa do que é correto, sempre terão severos conflitos e muitas vezes terão de permanecer quase sozinhos. Mas preciosas vitórias serão deles enquanto fizerem de Deus sua dependência. Sua graça será a força deles. A sensibilidade moral destes será clara e aguçada, e suas faculdades morais serão capazes de resistir a influências errôneas. A integridade deles, como a de Moisés, será da mais pura qualidade”. – *Testimonies*, vol. 3, pp. 302, 303.

O ômega: Um misterioso perigo que aguarda a igreja de Deus no fim dos tempos. Ellen White o viu e disse: “tremi pelo nosso povo”. E ela deixou para nos um legado de esperança para levarmos ao enfrentar esse grande desafio.

“Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, ferir as batalhas do Senhor quando são poucos os campeões – essa será nossa prova”. – *Testemunhos Seletos*, vol. 2, p. 31.



Cap. 8 – Como um Ciclone Devastador

O ano era 1914. Através da cidade de Battle Creek, de um brilho empoeirado no sol do início do verão, apenas recordações lembravam o que havia sido – o que *poderia* ter sido. Na esquina das avenidas Washington e Main havia poucos indícios de que a Review and Herald Publishing Company já tivesse existido lá, de que uma vez esse tivesse sido o local da Conferência Geral. O Colégio de Battle Creek, reaberto com tão altas esperanças pelo Dr. Kellogg, estava fechado, um triste fracasso. Os Adventistas eram em número comparativamente pequeno agora, e os veteranos podiam recordar o enxame de placas “Vende-se” que apareceram quando a colônia se dissolveu. “O mundo conhecerá a razão” advertira certa vez Ellen White, e agora D. M. Canright publicava uma nova edição de seu livro *Seventh-Day Adventism Renounced* – e inconscientemente assegurava o cumprimento daquela predição.

“Battle Creek, Michigan, fornece uma boa ilustração do fracasso do Adventismo após um julgamento justo. ... Quando eu me retirei em 1887, havia quase dois mil observadores do sábado aqui, todos unidos. Muitas vezes preguei no grande tabernáculo quando todos os assentos, na parte de baixo e na galeria, estavam ocupados. No colégio lecionei para uma classe de aproximadamente duzentos alunos, todos moços e moças se preparando para trabalhar como ministros ou instrutores bíblicos. Agora, 1914, o colégio está fechado e perdido para a causa; o sanatório se rebelou contra a organização, e quase todos dentre a administração, médicos, enfermeiras e assistentes são observadores do Domingo; as casas publicadoras foram completamente destruídas pelo fogo e os remanescentes se mudaram; a igreja decaiu para mais ou menos quatrocentos ou quinhentos membros; o tabernáculo esta largamente vazio e é como um elefante em suas mãos. ... grande número apostatou, perdeu a fé em tudo, e não frequentam nenhuma igreja. Foi como um ciclone devastador”. – *Canright, op. cit. p. 411.*

Catorze anos haviam se passado desde aquela brilhante manhã de janeiro no raiar de um novo século, quando o mundo estava pronto e a mensagem do Advento tinha uma chance de sair ao sol. Agora este dia estava terminado, e suas últimas sombras prestes a serem adensadas por um Sérvio nacionalista de 19 anos de idade com uma pistola. Na cidade bosniana de Sarajevo, um motorista confuso fez uma curva errada e dirigiu sua limusine aberta para uma rua movimentada. Atrás dele, abrigados do intenso sol de

verão por um guarda-sol, estava sentado um régio casal cuja vida havia sido uma clássica história de amor e para quem este dia era o décimo quarto aniversário de casamento. Por um momento o motorista hesitou, e então tentou dar meia volta com o carro, o ao fazer isto, ressoaram dois tiros. O Arquedutque Francisco Ferdinando e sua esposa tombaram no banco; e o longo dia da oportunidade estava terminado. Havia sido disparados os primeiros tiros da Primeira Guerra Mundial. Daí em diante a igreja teria de trabalhar num mundo que se degradava em trevas.

Tantas luzes haviam se apagado, J. H. Kellogg, líder da obra médica, cujas despesas da escola médica onde estudara haviam sido parcialmente pagas por Tiago e Ellen White; Albion Ballenger, que havia decidido refazer a verdade do santuário usando tratados teológicos em vez do Espírito de Profecia; os pastores A. T. Jones e E. J. Waggoner, que haviam viajado e pregado com Ellen White; o pastor George Tenney, editor, ministro, missionário; o pastor L. McCoy, capelão do Sanatório de Battle Creek – aos quais se juntaram, como depressa salienta Canright, “muitas pessoas em importantes posições como gerentes de negócios, professores de colégios, médicos, etc. Todos estes estão agora fora da igreja, e toda a sua influência é posta contra a comunidade Adventista”. (*Idem*, p. 412). A perda havia sido abaladora; e agora, da mesma forma que a fumaça que ainda subia das cinzas do incêndio da Review and Herald, ela deixava uma persistente pergunta pendendo sobre a igreja: Como tal coisa podia acontecer? O que poderia produzir tal maciça apostasia entre as mais brilhantes mentes da igreja?

A resposta era vexantemente simples, e, curiosamente, era uma resposta que a igreja tinha em mãos o tempo todo. Nos ainda pacíficos dias de 1898, Ellen White havia avisado claramente o que poderia acontecer. “Nunca haverá um tempo na história da igreja quando o obreiro de Deus poderá cruzar as mãos e descansar, dizendo: ‘Tudo é paz e segurança’. Então é que vem repentina destruição. Tudo pode avançar por entre aparente prosperidade; mas Satanás está bem acordado, e estudando e trocando idéias com seus anjos sobre outro modo de ataque onde possa ser vitorioso. A disputa se tornará cada vez mais feroz por parte de Satanás. ... *Dispor-se-ão mente contra mente, planos contra planos, princípios de origem celeste contra princípios satânicos. A verdade em seus vários aspectos estará em conflito com o erro em suas crescentes e sempre variadas formas as quais, se possível, enganarão os próprios escolhidos*”. (*Special Testimonies, série A, nº 11, p. 5 (grifos acrescentados)*). Aqui estava, se se tivesse o cuidado de pensar sobre isso, toda a história da crise, apresentada cinco anos antes de o livro de Kellogg ser publicado. O próprio Satanás estava dirigindo este ataque; o comandante-chefe das forças das trevas havia tomado o campo. A batalha havia sido travada em um nível sobrenatural, no qual, sem a proteção especial de auxílio sobrenatural, mesmo as mais brilhantes mentes seriam espalhadas como folhas diante de um vento outonal. Kellogg, Jones, Waggoner,

McCoy – todos haviam saído para enfrentar o inimigo após primeiramente decidirem substituir as advertências da mensageira de Deus por seu próprio julgamento, despojando-se assim da única defesa que realmente tinha importância. Em alguma parte no curso dos eventos eles haviam se tornado letalmente seguros de que estavam certos, de que era tempo de escapar de “uma comunidade morta de profecias mortas”, e agora, ao se dispersarem do Adventismo, fizeram-no com piedosas orações para que Deus abençoasse a sua saída.

E através do vale do tempo ecoavam as palavras de Ellen White, já dadas em 1903, palavras pronunciadas antes que fosse tarde demais para a maioria deles: “Satanás tem nos homens seus aliados. E *anjos maus em forma humana aparecerão aos homens*, e apresentarão diante deles imagens tão fulgurantes do que eles serão capazes de fazer se tão somente lhes ouvirem as sugestões, que amiúde trocarão seu arrependimento por desafio. ... O pecado enegreceu as faculdades racionais, e o inferno está triunfando. Oh, não cessarão os homens de confiar em seres humanos?”. – *Idem, série B, n° 7, pp. 21, 22 (grifos acrescentados)*.

Anjos do mal em forma humana. Não havia qualquer esperança de sobreviver a tal desafio apenas com a força humana. A humanidade não teve qualquer resposta à lógica da mente de um anjo, onde memórias do paraíso se torceram loucamente para um engano tão poderoso que um terço das forças do céu a princípio tinha sido incapaz de reconhecê-lo. Nenhuma quantidade de educação ou experiência habilitariam um homem a enfrentar uma armadilha como esta, e John Kellogg, pelo menos, havia se dirigido diretamente para ela, enquanto soavam sinos e brilhavam luzes de advertência das páginas de Ellen White.

Uma noite no início do verão de 1904 Ellen White havia visto em visão uma reunião em andamento em Battle Creek. Um significativo número de médicos e ministros estava presente, ouvindo o Dr. Kellogg expor suas idéias de que Deus está em tudo, ignorando que estavam sendo sobrenaturalmente observados. A sra. White notou particularmente o “semblante satisfeito, interessado, dos ouvintes”, e então seu Acompanhante celestial se voltou para ela com uma mensagem estarrecedora. “Anjos maus tomaram posse da mente do orador”, disse Ele, e prosseguiu advertindo que “tão seguramente como os anjos que caíram foram seduzidos e enganados por Satanás, assim também o orador estava sob a educação espiritualística dos anjos maus.

“Fiquei assombrada ao ver com que entusiasmo os sofismas e teorias enganadoras foram recebidos”, relata a sra. White, salientando que Kellogg, encorajado pelo sucesso em arrebatrar ministros e médicos com ele, havia então convocado um concílio especial em Battle Creek para inculcar ainda mais suas idéias sobre a igreja organizada. – *Idem, n° 6, p. 41.*

“Jactai-vos de estardes agindo sob inspiração de divina promoção”, advertiu Ellen White ao povo de Battle Creek, “mas alguns estão seguindo a falsa inspiração que enganou os anjos nas cortes celestes”. (*Idem, série A, nº 12, p. 1*). Para Kellogg ela dirigiu a advertência de que ele estava sendo “hipnotizado” por Satanás (algo que ele ridicularizou como absurdo). Em outubro de 1905 ela avisou sobre “homens que adentraram o estudo da ciência que Satanás introduziu na guerra no céu”. (*Carta de Ellen G. White aos irmãos Daniells, Prescott, e seus associados, 30 de outubro de 1905, da coleção de J.H. N. Tindall*). Em face de tais advertências Kellogg e seus seguidores haviam mergulhado para a frente, tendo a consciência aquietada pelas afirmações do médico de que os testemunhos, de Ellen White nem sempre eram fidedignos. E assim eles chegaram, finalmente, ao trágico cumprimento de outra de suas predições: “Se deixados, anjos maus moldarão a mente dos homens até que não mais tenham mente ou vontade próprias. ... Assim será com os médicos ou ministros que continuarem a se vincular com aquele que tem tido luz, que tem recebido advertências, mas não lhes tem dado ouvidos”. – *Special Testimonies, série B, nº 6 pp. 42, 43*.

A mesma triste lição havia sido ilustrada na vida de Albion Ballenger. Uma noite durante uma reunião evangelística em Londres, ele havia tentado apresentar o assunto do santuário. Terrivelmente desencorajado pela maneira na qual havia pregado, tomou a resolução de que “nunca mais pregaria novamente até eu saber o que estou pregando”. E então ele havia cometido um engano fatal. “Não vou obtê-lo de nossos livros” declarou ele. “Se nossos irmãos puderam obtê-lo das fontes originais, por que é que eu não posso?” O pastor Ballenger estava cometendo o mesmo erro já cometido pelo Dr. Kellogg: a pressuposição de que não havia nada realmente envolvido aqui exceto o raciocínio humano, no qual a pesquisa de um homem é tão boa quanto a de outro. “Irei aos livros ou comentários e todas essas várias fontes das quais pastor Urias Smith obteve luz sobre o assunto”, ele anunciou, e assim dizendo prontamente caminhou diretamente para fora, nas trevas. Pois a doutrina Adventista do santuário não podia ser achada nos “livros ou comentários” – não podia ser encontrada em qualquer lugar exceto que proviesse da mesma Fonte que foi procurada por aquele grupo de homens e mulheres de oração que haviam estudado através das noites frias de outono em 1844, e em cujo meio estava a mesma mensageira especial que agora advertia Ballenger a dar meia volta antes que fosse tarde demais. Ele também havia escolhido ignorar este apelo, e ele, como Kellogg, deixou a fé Adventista para nunca mais voltar. Em Riverside, Califórnia (apenas algumas milhas distante da nova escola médica da igreja), ele passaria seus últimos dezesseis anos dizendo coisas sobre Ellen White que, debaixo de uma aparência de piedade, operava para atacar a credibilidade desta como mensageira especial de Deus.

“*Como um ciclone devastador*”. Canright havia dito isto com relação à igreja de Deus, mas quão claramente estas palavras descrevem a vida daqueles que a deixaram. Toda uma galáxia de luzes Adventistas havia se apagado, cada qual a seu próprio modo, e cada uma ligada às demais pela tragédia comum de rejeitar a mensageira de Deus num tempo quando anjos caídos estavam andando na terra em forma humana. A igreja e o mundo estavam entrando numa nova era. Agora o erro de sair da proteção especial de Deus podia trazer os mais trágicos e imediatos resultados.

Mil novecentos e catorze. O povo de Deus havia vivido por catorze anos na luz do último dia de verão da Terra. Agora se enegrece o céu com as primeiras tempestades do outono. Através das vulneráveis planícies da Bélgica vem o estrondo de pesada artilharia se movendo, uma nuvem de poeira, uma linha infundável de uniformes cinza que identifica o Segundo Exército do General Karl von Bulow. Em Berlim tropas exuberantes desfilam pela última vez descendo as ruas de tijolos; uma jovem numa blusa branca de franjas entra em suas fileiras, entrelaça o braço no de um soldado, e marcha com eles. Poucos passos atrás, um negociante bem trajado faz o mesmo, carregando uma arma de soldado – faces sorridentes rumando cegamente para a terrível meia-noite de Marne e Verdun, para um pesadelo nunca antes visto exceto por uma senhora miúda que, anos antes, havia pleiteado com sua igreja para que agissem. “Logo haverá morte e destruição, aumento de crime, e impiedade cruel operando contra os ricos que se têm exaltado sobre os pobres. Os que estão sem a proteção de Deus não encontrarão segurança em nenhum lugar ou posição. Agentes humanos estão sendo treinados e estão usando suas capacidades inventivas para colocar em operação a mais poderosa maquinaria para ferir e matar. ... Que os recursos e os obreiros sejam espalhados”. – *Testimonies*, vol. 8, p. 50.

Em um tempo houve sol, um momento áureo repleto de oportunidades para o povo de Deus, perdidos por causa de um astuto inimigo que teve sucesso em desviar a atenção deles da única mensagem que eles realmente tinham de dar. E dessa tragédia emerge apenas uma pergunta que importa: Deixaremos que isso aconteça novamente?

Se você gostou da mensagem deste livro e deseja mais informações, visite:
esperanca.com.br

Saiba mais sobre a mensagem de esperança que a Bíblia tem para você e sua família. Acesse:
www.estudeabiblia.com.br

Conheça também a rádio e TV Novo Tempo:
www.novotempo.org.br

Saiba que Deus tem um plano especial para a sua vida.
Procure conhecê-Lo melhor e viva com mais esperança.

ÔMEGA

SOBRE O LIVRO

Era janeiro do ano de 1900, o mundo gozava de paz e projetava esperança para o futuro. Mas uma apostasia extremamente grave estava se formando na Igreja Adventista. Alguns dos mais brilhantes e admirados líderes da denominação iriam tentar minar sutilmente as Doutrinas Fundamentais da Igreja. Durante esse processo eles iriam tentar ganhar para a sua causa vários de seus elementos mais capazes. Ellen G. White chamou esse movimento de apostasia com a primeira letra do alfabeto grego “alfa” e advertiu que seria seguido por maiores apostasias, que ela chamou de “ômega”.

Agora mesmo a igreja está sendo criticada, mais de dentro do que de fora, por um padrão de apostasia ômega? Existem padrões dignos de confiança como um guia para os fiéis no meio da tempestade, até atingirem um porto seguro? Corremos o risco de aceitar “nova luz” que minará os princípios fundamentais que têm resistido ao teste do tempo? E o mais importante de tudo: Haverá restrições para que a igreja sobreviva a essa crise?

ÔMEGA responde a essas perguntas. Sem dúvida, este livro será um benefício espiritual ao leitor.

SOBRE O AUTOR

Quando Lewis Walton formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de San Diego, Estados Unidos, ela não imaginava que acabaria por se tornar um dos porta-vozes da igreja. Mas Walton, que exerceu a advocacia na cidade de Bakersfield, Califórnia, tornou-se precisamente um defensor talentoso das verdades mais básicas da igreja. Por 18 anos, enquanto ele estava ensinando em três escolas e faculdades, ele pesquisou o início da história do movimento Adventista. Com precisão jornalística e farta documentação sugere paralelos dramáticos entre o passado e o presente da igreja.
